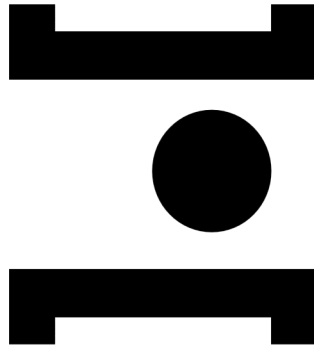


INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM
Escola Superior de Educação



**POLITÉCNICO
DE SANTARÉM**

**A importância da organização do ambiente educativo na
aprendizagem das crianças**

Relatório de Estágio

**Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino
Básico**

Carolina de Sousa Martins

Orientação:

Neusa Cristina Vicente Branco

Fevereiro, 2026

Dedicatória

“Ao meu avô, pela força com que enfrenta cada dia e pelo amor que deixa em tudo o que toca”.

Agradecimentos

Este trabalho representa o culminar de um percurso exigente marcado por aprendizagens, desafios e crescimento pessoal, que não teria sido possível sem o apoio e a presença de pessoas muito especiais.

Aos meus pais, o meu mais profundo agradecimento, pelo amor incondicional, pela paciência, pelo apoio constante e por nunca deixarem de acreditar em mim, mesmo nos momentos mais difíceis. À minha irmã, pela cumplicidade, companheirismo, pelas palavras certas nos momentos certos e por ser sempre um apoio seguro ao longo deste caminho.

Aos meus avós, pelo carinho, pelos valores transmitidos e pelo exemplo de vida que me acompanham todos os dias. Aos meus padrinhos, pelo apoio, incentivo e presença constante ao longo da minha vida pessoal e académica.

Aos meus amigos, por estarem sempre presentes, pela amizade verdadeira, pela compreensão nos momentos de maior ausência e por tornarem este percurso mais leve e feliz.

Aos docentes cooperantes, pela disponibilidade, partilha de saberes e acompanhamento, fundamentais para o meu crescimento profissional e para a concretização do presente trabalho.

Às minhas supervisoras, pelo apoio, pela orientação cuidadosa e pela confiança demonstrada ao longo de todo o processo.

Às docentes do mestrado, pelo conhecimento transmitido, pelo profissionalismo e pelo contributo significativo para a minha formação pessoal e académica.

Aos colegas de mestrado, pela entreajuda e companheirismo, e partilha, que tornaram esta equipa mais enriquecedora e significativa.

À equipa da Escola Superior de Educação de Santarém, pelo acolhimento e pela formação de qualidade que contribuiu de forma decisiva para a minha preparação académica e profissional.

Por fim, à orientadora do relatório, um agradecimento muito especial pela dedicação, disponibilidade, rigor e apoio constante, que foram essenciais.

Acrónimos/Siglas

AFF'S- Atividades de Apoio à Família

BD-Banda desenhada

CEB- Ciclo de Ensino Básico

CM- Carolina Martins

JI- Jardim de infância

PASEO- Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória

PES- Práticas de Ensino Supervisionadas

PIT- Plano Individual de Trabalho

UC- Unidade Curricular

WC- Casas de banho

Resumo

O presente relatório de estágio é constituído por duas partes, a parte I que reporta a todos os contextos de estágio, creche, jardim de infância e 1.º CEB, e a parte II relativa à componente investigativa. Esta visa identificar a importância da organização do ambiente educativo na aprendizagem das crianças, partindo de um estudo piloto em contexto de educação pré-escolar e desenvolvendo-se no 1.º Ciclo do Ensino Básico, em turmas de 2.º e 4.º ano. Tem como objetivos: (i) compreender a organização do ambiente educativo no 1.º Ciclo; (ii) verificar a importância atribuída pelos professores ao espaço educativo; e (iii) analisar o envolvimento das crianças na organização do ambiente e o seu impacto na aprendizagem. Com uma abordagem qualitativa, foram recolhidos dados através de entrevistas, notas de campo e registos fotográficos.

Os resultados revelam que um ambiente educativo organizado de forma intencional favorece a autonomia, o envolvimento e o bem-estar das crianças, potenciando aprendizagens significativas e um maior sentido de pertença ao espaço escolar.

Palavras-chave: ambiente educativo; aprendizagem; envolvimento das crianças; organização do espaço; estudo qualitativo, 1.º Ciclo do Ensino Básico.

The importance of organising the educational environment for children's learning

Abstract

This internship report consists of two parts: part I reports on all internship contexts, nursery school, kindergarten, and 1st CEB, and part II relates to the research component. The latter aims to identify the importance of the organisation of the educational environment in children's learning, based on a pilot study in a pre-school education context and developed in the 1st cycle of Basic Education, in 2nd and 4th year classes. Its objectives are: (i) to understand the organisation of the educational environment in the 1st cycle; (ii) to verify the importance attributed by teachers to the educational space; and (iii) to analyse children's involvement in the organisation of the environment and its impact on learning. Using a qualitative approach, data were collected through interviews, field notes and photographic records.

The results reveal that an intentionally organised educational environment promotes children's autonomy, involvement and well-being, enhancing meaningful learning and a greater sense of belonging to the school space.

Key-words: *children's involvement; educational environment; learning; qualitative study; space organisation; 1st Cycle of Basic Education.*

Índice

| | |
|---|-------------|
| Dedicatória | i |
| Agradecimentos | ii |
| Acrónimos/Siglas | iii |
| Resumo | iv |
| Abstract | v |
| Índice de figuras | vii |
| Índice de tabelas | viii |
| Introdução | 9 |
| Parte I – Estágios da Prática de Ensino Supervisionada | 10 |
| 1. Estágio em Creche | 10 |
| 1.1. Caracterização do contexto | 10 |
| 1.2. Prática pedagógica | 14 |
| 2. Estágio em Jardim de Infância | 17 |
| 2.1. Caracterização do contexto | 17 |
| 2.2. Prática pedagógica | 20 |
| 3. Estágio em 1.º Ciclo do Ensino Básico | 23 |
| 3.1. Estágio com turma de 2.º ano | 24 |
| 3.1.1. Caracterização do contexto | 24 |
| 3.1.2 Caracterização da Sala | 25 |
| 3.1.3 Caracterização da Turma | 26 |
| 3.1.2. Prática pedagógica no 2.º ano | 27 |
| 3.2. Estágio com a turma do 4.º ano | 31 |
| 3.2.1. Caracterização do contexto | 31 |
| 3.2.2 Caracterização da Sala | 32 |
| 3.2.3 Caracterização da turma | 33 |
| 3.2.2. Prática pedagógica no 4.º ano | 34 |

| | |
|--|-----------|
| Parte II- Trabalho de pesquisa: | 36 |
| 1. Contextualização do estudo | 36 |
| 2. Enquadramento teórico | 38 |
| 2.1 Organização do ambiente educativo | 38 |
| 2.2 Organização do ambiente educativo e a aprendizagem | 42 |
| 2.3 Diferentes ambientes educativos | 45 |
| 3. Aspetos metodológicos | 47 |
| 3.1. Estudo piloto exploratório | 47 |
| 3.2. Opções metodológicas | 49 |
| 3.3. Participantes | 51 |
| 3.4. Recolha e análise dos dados | 51 |
| 4. Resultados | 54 |
| 4.1 Contexto do 2.º ano | 55 |
| 4.2 Contexto do 4.º ano | 63 |
| 4.3. Discussão dos resultados | 75 |
| 5. Considerações finais | 78 |
| 6. Reflexão final | 79 |
| 7. Referências | 82 |
| Anexos | 85 |

Índice de figuras

| | |
|---|----|
| Figura 1- Sala da creche | 12 |
| Figura 2- Zona da higienização | 12 |
| Figura 3- História sobre o Inverno | 16 |
| Figura 4- Sala Pré- Escolar | 18 |
| Figura 5- Sala do Pré- Escolar | 18 |
| Figura 6- Acolhimento dos peixes | 21 |
| Figura 7- Elaboração do cartaz dos instrumentos veterinários | 21 |
| Figura 8- Cartão de Aprendiz | 23 |
| Figura 9- Sala do 2ºano | 25 |
| Figura 10- Sala do 2ºano | 25 |

| | |
|--|----|
| Figura 11- Sala do 2ºano..... | 25 |
| Figura 12- Atividade TIC..... | 29 |
| Figura 13- Atividade gráfico de barras..... | 29 |
| Figura 14- Sala do 4ºano..... | 32 |
| Figura 15- Dimensões do ambiente de aprendizagem | 45 |
| Figura 16- Grupo trabalho dos cartazes..... | 57 |
| Figura 17- Grupo trabalho dos cartazes..... | 57 |
| Figura 18- Leitura da história | 58 |
| Figura 19- Disposição dos alunos..... | 58 |
| Figura 20- Atividade de pares sobre a história..... | 59 |
| Figura 21- Apresentação da atividade dos gráficos | 61 |
| Figura 22- Prateleiras de organização..... | 64 |
| Figura 23- Zona de higienização | 64 |
| Figura 24- Exemplo de BD | 66 |
| Figura 25- Medição relógio de Sol | 67 |
| Figura 26- Pintura do Relógio de Sol..... | 67 |
| Figura 27- Concretização do Relógio de Sol..... | 67 |
| Figura 28- Seleção e organização dos materiais..... | 69 |
| Figura 29- Realização da atividade experimental..... | 70 |
| Figura 30- Anotação dos resultados | 70 |
| Figura 31- Medições no espaço exterior..... | 73 |
| Figura 32- Anotação das medições e comparação | 73 |
| Figura 33- Pintura dos elementos da maquete | 74 |
| Figura 34- Maquete exposta | 74 |

Índice de tabelas

| | |
|--|----|
| Tabela 1- Rotina Diária- Creche | 13 |
| Tabela 2 Rotina diária- Pré-Escolar | 19 |
| Tabela 3- Rotina diária 2ºano..... | 26 |
| Tabela 4- Rotina Diária 4ºano | 33 |
| Tabela 5 Atividades desenvolvidas em cada contexto..... | 53 |
| Tabela 6- Momentos da recolha de dados..... | 53 |

Introdução

O presente relatório surge no âmbito da prática pedagógica realizada na Prática de Ensino Supervisionada (PES), com a finalidade de obter o grau de mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB).

Este documento tem como propósito evidenciar o percurso de desenvolvimento profissional proporcionado pelo curso e a minha evolução enquanto estagiária, mostrando as competências evidenciadas e adquiridas ao longo deste percurso, as dificuldades enfrentadas e as estratégias utilizadas para ultrapassar desafios. Resulta ainda de um processo de formação que alia a investigação e a teoria à prática, permitindo articular o conhecimento científico adquirido no contexto académico com as experiências vividas em contexto educativo.

Destaca-se que este relatório se organiza em duas partes. Na primeira parte são descritos os contextos de estágio, organizados consoante as quatro práticas de ensino supervisionado: Creche, Jardim de Infância e 1.º Ciclo do ensino básico, em dois níveis 2.º ano e 4.º ano. Aqui apresenta-se detalhadamente o contexto (ambiente educativo, grupo, projetos, entre outros), evidências e reflexões sobre a prática de intervenção e projetos desenvolvidos. A segunda parte direciona-se para a componente investigativa, onde se contextualiza o estudo, justifica-se o tema através da fundamentação teórica e é mencionado e analisado um estudo piloto realizado na educação de infância. Apresentam-se as opções metodológicas da pesquisa que decorre no 1.º CEB, bem como a recolha e análise de dados. Por fim, apresentam-se e discutem-se os resultados e são as considerações finais. Este trabalho tem como objetivos: (i) compreender a organização do ambiente educativo no 1.º Ciclo do Ensino Básico; (ii) verificar a importância que o ambiente educativo pode ser para os professores; (iii) compreender o envolvimento das crianças na organização do ambiente educativo e o contributo do ambiente educativo para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças.

O relatório de estágio finaliza com uma reflexão global que sintetiza tudo o que foi vivenciado e investigado ao longo do percurso, destacando os contributos significativos do mesmo e dos estágios desenvolvidos.

Parte I – Estágios da Prática de Ensino Supervisionada

Este capítulo visa a contextualização dos diversos estágios da minha prática de ensino supervisionada no mestrado. Em cada estágio é feita uma breve descrição do contexto e da valência onde tive o privilégio de estagiar, creche, jardim de infância e 1.º Ciclo, bem como a respetiva caracterização do grupo, do espaço educativo e dos projetos de intervenção, com evidências do trabalho desenvolvido.

1. Estágio em Creche

Relativamente ao primeiro estágio, o qual foi realizado em contexto de creche numa instituição localizada no distrito de Santarém, tendo a duração de quatro semanas duas em dezembro, compreendidas entre os dias 6 e 16, e duas em janeiro, compreendidas entre os dias 3 e 13. Importa realçar que se planificou um projeto, mas o mesmo não foi implementado devido ao curto tempo de prática supervisionada.

1.1. Caracterização do contexto

1.1.1 Caracterização da instituição

A Creche e Jardim de Infância, segundo o Projeto Curricular do Estabelecimento (2015) é designada como uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS). O seu principal objetivo, de acordo com o Projeto Curricular do Estabelecimento (2015), centra-se no desenvolvimento de atividades de carácter social e educacional, capazes de inculcar valores, através de respostas sociais. Esta instituição surgiu em obras de alargamento e melhoramento. Neste sentido, o seu espaço educativo encontra-se dividido em dois pisos, em que a creche funciona no primeiro andar e a valência de pré-escolar no segundo. Segue-se então a organização da creche onde decorreu o estágio: a) Hall; b) Berçário com fraldário interior; c) Sala de 1 ano com fraldário interior; d) Sala de 2 anos com fraldário/wc interior; e) Copa que serve de refeitório.

O Projeto Educativo da Instituição visa a valorização do desenvolvimento humano nas diversas dimensões, focando-se essencialmente no significado da verdade e na felicidade de cada um. O mesmo também considera que, para que exista

desenvolvimento, é necessário ter-se em atenção os diversos valores humanos, éticos e cristãos. A problemática atualmente escolhida, pretende que se proporcione a cada criança o desenvolvimento de capacidades e conhecimentos, focando-se sempre nos interesses das mesmas e nas suas motivações. Salienta-se que este projeto está em constante construção, visto que se encontra aberto a novas alterações, análises, entre outros, e maneira a melhorar o mesmo.

1.1.2. Caracterização da sala

A sala encontra-se no 1.º andar da Creche 1. A mesma encontrasse ao lado do refeitório, perfeitamente adaptado para a idade e para as necessidades das crianças. A sala de um ano conta diariamente com a presença de uma Educadora de Infância, assim como uma Auxiliar de Ação Educativa. O espaço era composto por duas zonas distintas: a sala e a zona de higienização. A sala era frequentada nos tempos ativos das crianças e a zona de higienização era utilizada para a respetiva troca de fraldas, mudas de roupa e tudo o que diz respeito à higiene da criança. Estas áreas, apesar de se encontrarem no mesmo espaço, estavam devidamente separadas entre si o que transmite um maior conforto e segurança à criança, nos diferentes espaços.

Realço que era na sala onde ocorriam a maioria das atividades e rotinas diárias do grupo (registos, lanche da manhã, sesta, hora do conto entre outras), exceto o almoço e o lanche da tarde.

Neste sentido a mesma, salienta-se que a presente sala era bastante ampla e iluminada. Encontrava-se bem equipada, com recursos didáticos diversificados, de fácil acesso, permitindo a autonomia no momento de tirar ou colocar durante a execução das atividades e adequados à faixa etária. No entanto, destaco que deveria de ter mais recursos de leitura e que estes não deviam de estar todos ao alcance das crianças, na medida que aqueles que se encontravam estavam extremamente danificados.

Salienta-se que as crianças, aproximam-se muito do espelho, que estava disposto junto a um tapete, que o grupo utilizava bastante. Neste espelho as mesmas vão observando os seus movimentos, expressões e interações com os colegas, por isso,

este promove o estímulo da perceção corporal, sendo um recurso proporcionador de desenvolvimento.



Figura 1- Sala da creche



Figura 2- Zona da higienização

1.1.3. Projeto Pedagógico da Sala

No que diz respeito ao Projeto Pedagógico de sala, este não estava predefinido no início do estágio, uma vez que foi construído tendo em conta as características, os interesses e as necessidades do grupo de crianças com o objetivo de que a prática pedagógica seja a mais apropriada para o mesmo. Deste modo, a Educadora baseia-se nos objetivos gerais da creche que se sustentam nas diferentes áreas de desenvolvimento da criança. Neste sentido, a educadora defende que dinâmica da sala é estrategicamente pensada de acordo com os interesses da criança em diferentes momentos. No entanto a educadora trabalha com estratégias que possibilitam delinear o processo de desenvolvimento e crescimento da criança. Neste sentido, por se tratar de um instrumento dinâmico, o objetivo é que leve à prestação de um serviço de qualidade.

1.1.3.1 Caracterização do Grupo de Crianças:

De acordo com as informações de sala, o grupo é composto por 14 crianças, sendo que sete são do sexo masculino e as restante sete são do sexo feminino. A faixa etária correspondente ao grupo de crianças é dos dez aos 24 meses, sendo que a criança mais velha do grupo nasceu em janeiro do ano civil de dois mil e vinte e um e a mais velha em dezembro do mesmo ano. Todas as crianças são de nacionalidade portuguesa e vivem em Santarém ou nas suas proximidades. Do presente grupo, cinco elementos são filhos únicos e nove têm irmãos, estando alguns também a frequentar a instituição. O grupo manifesta interesse e curiosidade por explorar a sala livremente, explorar os brinquedos e materiais à sua disposição, ouvir histórias, músicas e cantar. Algumas das

crianças já revelam a capacidade de brincar ao “Faz de Conta” assim como a construção de pequenos puzzles. Neste sentido, é de salientar a vontade que as crianças demonstram em interagir entre si e com os agentes adultos presentes na sala. Ao nível motor o grupo está bastante homogéneo, tendo em conta que todas as crianças já adquiriram a marcha corretamente à exceção da criança mais nova do grupo que está a começar a gatinhar. No que diz respeito à aprendizagem da língua, já são várias as crianças que se conseguem expressar claramente, como por exemplo, conseguem pedir o que querem. A relação criança-adulto é extremamente positiva, uma vez que, tanto a educadora como a auxiliar de ação educativa, interagem e comunicam bastante com todas as crianças do grupo. Revelando atenção, carinho, preocupação e interesse genuíno por todos os elementos, assim como com as suas brincadeiras. A educadora e a auxiliar de ação educativa são bastante comunicadoras e autênticas com o grupo, revelando sensibilidade para compreender os interesses e as necessidades de cada criança.

1.1.3.2. Caracterização das Rotinas do Grupo

Na tabela 1 mostra se a rotina diária seguida na sala. Esta rotina tem como objetivo proporcionar às crianças um ambiente estruturado, favorecendo segurança, autonomia e o equilíbrio entre momentos de atividade e de descanso.

Tabela 1- Rotina Diária- Creche

| ROTINA DIÁRIA | |
|----------------------|--|
| Hora | Atividades |
| 7h30 – 10h00 | Acolhimento |
| 10h00-10h45 | Lanche da manhã/ Atividade proposta / Brincadeira Livre |
| 10h45 – 11h00 | Higiene |
| 11h00 – 11h30 | Almoço |
| 11h30 – 14h15/14h30 | Sesta |
| 14h30 – 15h00 | Higiene |
| 15h00 – 15h30 | Lanche |
| 15h30 até saírem | Brincadeira livre / Atividade Proposta/ Higiene |

1.2. Prática pedagógica

1.2.1. Projeto de intervenção

Para o planeamento do projeto, tive em conta, a observação que fui fazendo relativamente ao grupo e as várias conversas que fui tendo com a educadora cooperante. Neste sentido, e após uma semana de estágio considerei que uma lacuna existente neste grupo e na valência de creche era o facto de as crianças não possuírem qualquer contacto com o exterior, e segundo Rambo (2021), é importante a promoção de espaços abertos na primeira infância, ou seja, ao ar livre, estabelecendo o contacto com a natureza e contribuindo para a construção de regras e valores e fazendo com que tenham noção de alguns perigos ou cuidados. Neste sentido, importa destacar que neste contexto não havia grande interesse em explorar a natureza, uma vez que dentro da sala não existiam materiais de carácter natural e o grupo não tinha acesso à parte exterior. Assim, pensou-se que poderia focar na questão: “Como promover o contacto com a natureza em contexto de sala, num grupo de crianças de 1 ano?”, analisando a problemática e procurando soluções de acordo com os interesses e necessidades do grupo.

Deste modo, o projeto visava perceber a relação que as crianças tinham com os materiais naturais utilizados de modo a promover oportunidades diversificadas de exploração, entender o modo como os materiais naturais assumem presença no dia a dia das crianças e de que maneira podem influenciar no seu desenvolvimento. Destaca-se que também se teve em atenção a seleção dos materiais, bem como o modo como seriam utilizados na organização do espaço educativo, de modo a responder aos objetivos pretendidos pela instituição e pela educadora.

O projeto mencionado nomeava-se de “Brincar com a Natureza” e seria implementado durante 3 semanas, em que as atividades visavam o contacto com elementos da natureza, como frutas, sons, entre outros.

1.2.2. Reflexão sobre a prática pedagógica

No início foram muitas as incertezas e medos, uma vez que nunca tinha estagiado neste contexto, não conhecia a instituição, nem o grupo de crianças, o que

me levou a questionar qual seria a reação do mesmo com a entrada de um elemento desconhecido no seu meio educativo. No entanto, com o passar do tempo tudo isso foi desaparecendo e como a relação com o grupo e com a equipa educativa foi bastante positiva tranquilizou-me e deixou-me confiante e segura quando intervim. Considero que sempre mostrei disponibilidade em auxiliar a educadora em todos os momentos, bem como contribuir para um desenvolvimento favorável no que concerne às crianças.

Relativamente às planificações propostas pelos docentes, estas contribuíram para a minha aprendizagem a nível profissional, uma vez que me fizeram olhar para a valência de creche de outro modo e perceber o que seria melhor para responder aos interesses e necessidades do grupo.

Senti que durante as intervenções, conseguia gerir o grupo, no entanto sinto que pode ser um fator a melhorar futuramente, deixando um pouco de lado o afeto em demasia e focando-me mais no conteúdo.

Importa destacar que foi um estágio realizado a pares e o facto de não existir uma implementação de um projeto desmotivou-me, na medida em que este seria crucial para o desenvolvimento das crianças, visto que era uma lacuna e era necessário que as mesmas tivessem contacto com os elementos do exterior e com o mesmo. Apesar disso, a educadora permitiu-me que implementasse algumas atividades.

Destacando uma dessas atividades, denominada de “ O Inverno chegou”, que visava desenvolver as expressões artísticas como: explorar as características dos sons; utilizar diferentes instrumentos; mobilizar o corpo com precisão e coordenação. Outra das áreas era a da expressão e comunicação, onde se pretendia que as crianças escutassem e tivessem interesse em comunicar, a área da formação pessoal e social também foi importante na execução da atividade, visto que se observou se a criança revelava confiança em experimentar novas atividades e se expressava as suas emoções e sentimentos, por fim, também se teve em conta a área do conhecimento do mundo em que a criança deveria demonstrar o envolvimento no processo de descoberta e exploração. Neste sentido esta atividade prendeu-se no facto de existir numa primeira parte a dinamização de uma história sobre o inverno, em que inicialmente foi criado algum suspense sobre o que teria a caixa, algumas crianças tentaram comunicar e uma delas disse que seria um “ Monstro”, no entanto lá dentro estariam as personagens da história e instrumentos musicais porque ao longo da mesma iam surgindo diferentes

sons (de inverno) produzidos nos tais instrumentos ou pelas estagiárias como é o caso do vento, nesta primeira parte observou-se curiosidade das crianças em perceber o que estaria dentro da caixa, mostravam-se surpreendidas e referiam o nome de cada um, queriam tocar nos recursos apresentados ao longo da história e algumas delas tentavam produzir os mesmos sons. Na segunda parte da atividade, abordou-se a temática do inverno onde cada uma das crianças trouxe roupas ou acessórios da estação, tiveram oportunidade de desenvolver vocabulário, embora a maioria já soubesse nomear quase todos menos das galochas e de explorar cada um, vestindo ou usando. Por fim, demos-lhes os instrumentos musicais e fomos dando indicações para eles manusearem: “Agora a chuva está muito forte”, era esperando que tocassem no tambor com maior intensidade de forma ao som ser mais forte, e pode-se observar que a maioria das crianças entendeu o objetivo da atividade. Salienta-se que 4 crianças, as mais novas da sala, não executaram esta sequência de momentos visto que ainda não tinham certas áreas devidamente desenvolvidas.



Figura 3- *História sobre o Inverno*

Em suma, pretendo reforçar a importância que este estágio teve na minha perspectiva do contexto em que estava inserido, a creche. Isto é, ao longo destas quatro semanas, percebi o quanto física, emocional e presente tem de ser a nossa pessoa na creche. Enquanto futura educadora, compreendi a importância de estar lá mesmo, por inteiro, e estar bem, porque só estando bem é que conseguimos proporcionar o melhor para quem precisa tanto de nós, as crianças. Foi por isso, um período que se destinou particularmente ao afeto e à observação.

2. Estágio em Jardim de Infância

No que diz respeito ao segundo estágio, o qual foi realizado em contexto de Jardim de Infância numa instituição de carácter público localizada em Santarém, tendo a duração de seis semanas durante os meses de abril, maio e junho.

2.1. Caracterização do contexto

2.1.1. Caracterização da instituição

O Projeto Educativo do Agrupamento foca-se em formar jovens cidadãos competentes, valorizando a escola como um contexto favorável para aprender, fazer, estar e ser. O agrupamento é de carácter público e é formado por 9 instituições do concelho de Santarém

No que concerne à Organização Pedagógica desta instituição, esta centra-se na Coordenadora Pedagógica que orienta e coordena a organização e o planeamento do trabalho a nível pedagógico (projetos educativos, relatórios...). No entanto, para que exista um bom funcionamento da instituição, é crucial que se verifique um trabalho em equipa por parte de todos os colaboradores da unidade: Educadoras de Infância; Docentes do 1.º Ciclo do Ensino Básico; Docentes das Necessidades Educativas Especiais; Psicóloga; a equipa das AAF'S; as Auxiliares de Ação Educativa; cozinheira; ajudantes de cozinha.

A instituição contém um edifício composto por dois pisos, integrando: salas de Jardim de Infância (grupo 1 e grupo 2); 8 salas de aula do 1.º Ciclo do Ensino Básico; biblioteca; gabinetes de apoio à prática letiva; ginásio; sala polivalente; sala de alunos/bar; recreio coberto; refeitório; sala de trabalho para professores; e várias WC.

2.1.2. Caracterização da sala

A sala onde são realizadas as atividades do grupo encontra-se no segundo andar. A mesma contém boas condições de iluminação natural e artificial, tendo umas janelas grandes, que proporcionam às crianças a observação do espaço exterior. No que toca à arrumação, possui uns armários encaixados na parede, espaçosos, mas que condicionam a organização do espaço, uma estante à entrada onde estão colocadas as garrafas das crianças respetivamente identificadas e algum material didático (jogos). Esta tem também um lavatório, com um móvel por baixo que possui as tintas, aguarelas,

copos e pinceis. Para além disto, como materiais eletrónicos a sala predispõe um ar condicionado, um projetor e um computador. Evidencia-se ainda que, todos os materiais estão dispostos de maneira visível, para que se possa desenvolver a autonomia da criança na sua utilização.

Importa, também realçar que a sala está organizada através de oito áreas: (i) Área de grande grupo; (ii) Área de multimédia; (iii) Área de visionamento de vídeos; (iv) Área da casinha; (v) Área da Biblioteca; (vi) Área da garagem/ jogos e construções; (vii) Área da pintura; (viii) Área das mesas de trabalho. De acordo com Oliveira Formosinho (2007), o espaço deve, assim, estar composto por uma vasta diversidade de áreas de interesse, flexíveis e com ligação entre si, para que ocorram atividades e brincadeiras paralelas.

Neste sentido e segundo o Projeto Curricular de grupo (2022), esta sala dispõe de uma organização flexível podendo assim sofrer determinadas alterações consoante a planificação que for implementada.



Figura 4- Sala Pré- Escolar

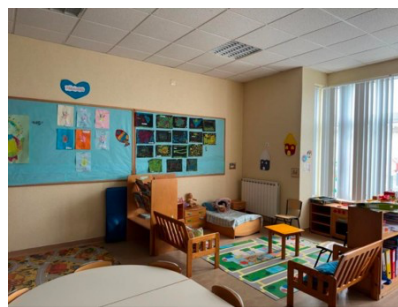


Figura 5- Sala do Pré- Escolar

2.1.3 Caracterização do grupo

De acordo com o Projeto Curricular do Grupo (2022), este é composto por vinte e cinco crianças, sendo que sete são do sexo feminino e dezoito do sexo masculino, com idades compreendidas entre os três e os seis anos. Importa mencionar que se trata de um grupo com alguma diversidade em termos de nacionalidades, uma vez que para além de crianças portuguesas, também contém crianças moldavas, brasileiras, indianas e angolanas. No entanto, todas entendem e falam português. No que diz respeito à área de residência todo o grupo reside em Santarém e perto da instituição, uma vez que não utilizam qualquer tipo de transporte para se dirigirem à mesma.

Relativamente às Necessidades Educativas Especiais, apenas existe uma criança acompanhada por isso. Embora, participe de igual modo nas atividades

orientadas pela educadora e pela equipa da instituição. Ainda em conformidade com o Projeto Curricular do Grupo (2022), são destacadas como potencialidades do grupo, a participação ativa por parte da maioria do grupo nas sequências de atividades, a curiosidade de conhecer os outros, as rotinas e o funcionamento da instituição, o interesse no que diz respeito à comunicação e socialização, a elevada aderência e preferência por atividades em que exista a cooperação e responsabilidade, o gosto pela área da expressão musical e expressão plástica. De forma a compreender a organização diária deste grupo de pré-escolar, apresenta-se seguidamente a rotina diária que estrutura o quotidiano das crianças (Tabela 2). Esta é um elemento fundamental para o desenvolvimento na medida em que lhes dá segurança emocional e sentido de previsibilidade, aspetos que são necessários nesta faixa etária.

Tabela 2 Rotina diária- Pré-Escolar

| Manhã | Tarde |
|---|--|
| 9:00- Acolhimento | 14:00- Tempo de leitura/ expressão musical |
| 9:30- Marcação das presenças e preenchimento do calendário (fica uma criança responsável por dia) | 14:30- Tempo de atividade livre |
| 9:45- Diálogo com as crianças (momento de partilha de novidades e apresentação das atividades do dia. | 15:00- Lanche |
| 10:00- Tempo de atividade | 15:30- Saída |
| 10:30- Lanche | |
| 11:00- Recreio | |
| 11:30- Tempo de atividade | |
| 12:30- Almoço | |

Não obstante, também é crucial referir algumas das fragilidades, nomeadamente a falta de concentração de muitos dos elementos, a dificuldade por parte de algumas crianças em realizar um discurso coerente e em obter uma dicção positiva,

a carência de vivências, uma vez que residem num bairro, muitas crianças contêm uma família destruturada, o que implica perturbações ao nível emocional

2.2. Prática pedagógica

2.2.1. Projeto de intervenção

A seleção da temática do presente projeto de intervenção surgiu de acordo com a observação realizada durante o período de estágio. Neste sentido, foi possível analisar e interpretar os diversos diálogos entre a educadora e o respetivo grupo de crianças. No decorrer de uma atividade de acolhimento, em que é um momento de diálogo e partilha entre todos, a Educadora Cooperante abordou a temática da saúde e do cuidado pelo próximo, explicitando os cuidados a ter com uma criança do grupo que apresenta lacunas a esse nível. Neste sentido, depois de observarmos e trocarmos ideias com a Educadora Cooperante, percebemos que para além de estarmos perante um grupo que revela mesmo muita curiosidade por questões relacionadas com a saúde, este também demonstra um especial apreço por animais. Desta forma, idealizámos relacionar as duas vertentes e abordar o tema – a saúde animal.

Assim partiu-se de a questão “Como promover o conhecimento da atividade veterinária, relacionando-o com os cuidados animais, num grupo de crianças dos 3 aos 6 anos?, visava que fosse desenvolvido a consciencialização e sensibilização para o bem-estar dos animais, que se analisasse as diferentes características dos animais e perceber se efetivamente a área do Consultório Veterinário permitiu às crianças experienciar o contacto com a saúde animal, em contexto de sala.

Em conformidade com os objetivos, realizaram-se várias atividades de pesquisa e exploração ao longo das 4 semanas, por exemplo a elaboração de um cartaz com os vários instrumentos veterinários, a compra de dois peixes para a sala, para que as crianças percebessem a verdadeira importância do cuidado animal, irei desenvolver no ponto seguinte, e como produto final um cantinho na sala, com animais de peluche e vários utensílios veterinários, intitulado de “ O consultório Veterinário”, o que constituiu o estudo piloto para o trabalho de pesquisa que é apresentado na parte II.



Figura 6- Acolhimento dos peixes



Figura 7- Elaboração do cartaz dos instrumentos veterinários

Para finalizar, considero que os objetivos foram cumpridos e que existiu um enorme interesse e participação por parte das crianças, colocaram sempre questões pertinentes e no final deram o seu feedback de forma bastante positiva.

2.2.2. Reflexão sobre a prática pedagógica

A minha prática neste contexto considero que tenha sido bastante positiva, uma vez que acho que cumpro os objetivos pretendidos nesta unidade curricular.

Realço que a equipa educativa da instituição foi uma mais-valia para a minha aprendizagem, visto que aprendi com as suas experiências, observei as interações por parte da educadora e da auxiliar quer a nível pedagógico, quer a nível prático tendo-me elucidado para novos métodos de trabalho, nomeadamente a criação de projetos sobre situações que as crianças relatavam sobre o seu dia-a-dia ou sobre interesses, a escuta ativa por parte da educadora e da auxiliar, o reforço do feedback positivo e a forma como corrigiam as crianças para que melhorassem “ Está lindo, mas e se melhorasses...” e como abordavam o primeiro momento da manhã, em que cada criança tinha de dizer bom dia e algo carinhoso que lhes viesse à memória, “ bom dia coração vermelho”. Deste modo, saliento que toda a equipa se disponibilizou para o esclarecimento de qualquer questão.

No que concerne à relação com as crianças, também senti que foi uma relação de bastante afeto, tentando sempre transmitir-lhe segurança e ajudá-las no que necessitassem. Evidencio que é um grupo bastante afetuoso, muitos revelam um enorme interesse, participando sempre em todas as atividades quer propostas por mim (estagiária) quer pela educadora.

A minha intervenção considero que tenha sido bastante positiva, não só pelo feedback da educadora cooperante e da supervisora como também porque senti que conseguia motivar as crianças na realização das atividades, visto que fui sempre ao encontro das necessidades e interesses do grupo, guiando-me pelo método da educadora.

Apresento em seguida algumas das atividades desenvolvidas com as crianças durante a intervenção que tiveram um impacto relevante no meu desenvolvimento profissional. Neste sentido, partiu-se do tema de Medicina Veterinária pelo gosto do grupo em cuidar do outro e o fascínio por animais. Uma das atividades foi a elaboração de um cartaz com os vários instrumentos veterinários. Foi dinamizada a atividade de elaboração do cartão de aprendiz de veterinário de modo individual. Cada criança tinha de fazer o seu retrato, estampar a sua impressão digital e por fim colocar o seu nome. Nesta atividade, senti que havia alguma falta de interesse porque pensaram que teriam de ilustrar um animal ou uma pessoa à escolha, fazendo com que algumas crianças tivessem de repetir, causando alguma frustração, visto que não estavam a entender o propósito da atividade. Senti que não fui suficiente explícita porque quando lhes dei o cartão, pelo que não lhes disse o que era suposto desenhar mal lhes entreguei. Deveria de lhes ter dito para não começarem logo a desenhar e explicar para todos o objetivo, ou então encontrar uma solução, (quem desenhou o animal, deixava estar e ao lado desenhava-se a ela, e quem desenhou uma pessoa a escolha fazia-se ajustes. Se fosse neste momento alteraria o modo como reagi com esta atividade, fiquei muito confusa e dececionada por não ter corrido como deveria e não procurei soluções, mandei-os apenas repetir. Apesar das dificuldades, o resultado foi bastante positivo visto que todas concretizaram a tarefa e colocaram ao pescoço a respetiva identificação, foram referindo que se sentiam uns autênticos veterinários. Destaca-se também que esta atividade foi o mote para o começo da construção do consultório e por isso sentiu-se entusiasmo e motivação.

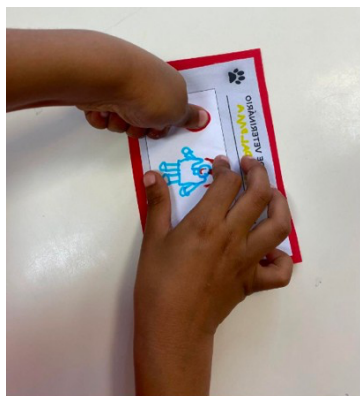


Figura 8- Cartão de Aprendiz

De um modo global, as minhas maiores dificuldades se prendiam na execução das planificações referentes ao projeto, visto que não queria sobrecarregar demasiado as crianças com a temática sugerida e dinamizar outras atividades. Um outro desafio da minha prática foi a organização do grupo, na medida que como se trata de um grupo heterogéneo foi difícil que todos desenvolvessem as atividades conforme previsto. Em suma, considero que tenha sido uma experiência incrível e que superou bastante as minhas expectativas, uma vez que inicialmente me sentia receosa quando percebi que se tratava de um grupo heterogéneo, de diferentes nacionalidades e com uma criança com necessidades específicas do ponto de vista de saúde. Deste modo, toda a minha prática neste contexto de estágio fez-me ver que com organização e tempo tudo se concretiza, embora considere que o estágio deveria ter mais semanas de intervenção.

3. Estágio em 1.º Ciclo do Ensino Básico

Os dois estágios realizados no 1.º CEB, um numa turma de 2.º ano e outro numa turma de 4.º ano decorram no mesmo agrupamento, pelo que é apresentada uma caracterização global da instituição e depois específica de cada contexto.

O projeto em vigor intitula-se de “O que não nos desafia, não nos transforma” e tem vindo a ser traçado no decorrer dos últimos anos, fundamentado práticas de inovação pedagógica e métodos de aperfeiçoamento a nível organizacional. A filosofia do Agrupamento manifesta a importância da mudança da organização, como consequência da metamorfose individual. Neste sentido, segundo o Projeto Educativo

do Agrupamento, este pretende implementar nas diferentes escolas práticas reflexivas. Tendo, por isso, como missão fornecer à comunidade escolar ferramentas de excelência, que formem cidadãos ativos, competentes, críticos e conscientes dos seus direitos e deveres, sendo crucial que o ambiente que envolve estes alunos sejam propício a integrar e participar. Relativamente à visão, esta centra-se no facto da escola ser encarada como um modelo exemplar, que responde às necessidades, interesses da sua comunidade e às características individuais de cada aluno, tendo sempre em conta o envolvimento das suas famílias.

3.1. Estágio com turma de 2.º ano

3.1.1. Caracterização do contexto

No que concerne ao primeiro estágio do primeiro semestre do 2.º ano de Mestrado, este realizou-se numa instituição pública do concelho de Rio Maior. O mesmo teve a duração de seis semanas e foi concretizado numa turma de 2.º ano, com alunos com idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos.

A instituição localiza-se no centro da cidade de Rio Maior, tendo em seu redor uma vasta rede de comércio, restauração e um pavilhão multiusos.

Salienta-se que referentemente à sua organização pedagógica esta centra-se na Coordenadora Pedagógica que orienta e coordena a organização e o planeamento do trabalho a nível pedagógico (projetos educativos, relatórios...). No entanto, para que todas as atividades funcionem e os alunos obtenham aprendizagem, esta instituição contempla: Docentes de 1.º Ciclo do Ensino Básico; Docentes responsáveis por lecionar Música, Educação Física e Inglês; Docente responsável pela Biblioteca Escolar; Docentes de Educação Especial; Docente responsável por Português Língua Não Materna; Membros responsáveis pela EMAEI (Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva); Psicólogas; Terapeutas (ocupacionais e da fala); Equipa das AAF'S; técnicos das Atividades de Enriquecimento Curricular; Auxiliares de Ação Educativa; cozinheira e ajudantes de cozinha.

Além do que foi mencionando anteriormente, as instalações contemplam dois pisos, onde dispõe de: 1 refeitório, 1 sala de funcionários; 1 receção; 1 sala de professores; 5 salas de pré-escolar; 6 salas de 1.º Ciclo; 1 sala polivalente; 1 arrecadação; Casas de banho. Além disto ainda contém uma parte exterior com um campo de jogos, um parque

infantil, e uma zona tapada onde as crianças brincam quando as situações climatéricas estão mais alteradas.

3.1.2 Caracterização da Sala

A sala localiza-se no primeiro andar, junto a uma sala do 3.º ano e a duas casas de banho. A mesma contém boas condições de iluminação natural e artificial, tendo janelas bastante grandes que permitem a entrada da luz natural, assim como uma porta com acesso direto à varanda.

Em relação à dimensão do espaço, este é um dos pontos negativos, uma vez que é a sala mais pequena da escola, o que requer uma boa gestão e organização do espaço. Relativamente à arrumação, , existe uma bancada com um lavatório e por baixo dispõe de algumas gavetas e portas para arrumação de diversos materiais. Nessa mesma bancada, na parte superior costuma estar sempre fruta e leite à disposição dos alunos, assim como lenços ou toalhetas. A mesas dos alunos encontram-se dispostas por filas na horizontal e a secretária da docente encontra-se junto aos quadros do lado direito. Existe um quadro interativo, um projetor e um quadro de caneta, o quadro utilizado pela docente a maioria das vezes é o interativo.



Figura 9- Sala do 2ºano



Figura 10- Sala do 2ºano



Figura 11- Sala do 2ºano

3.1.3 Caracterização da Turma

De acordo com o respetivo dossiê da turma do 2.º ano, a mesma é composta por vinte alunos, sendo que 13 são do sexo feminino e 7 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos. No que diz respeito à diversidade étnica e cultural presente na turma, importa mencionar que a turma reflete uma mistura cultural com alunos de diferentes origens, a maior parte são portugueses, à exceção de duas alunas de nacionalidade indiana e um aluno de nacionalidade brasileira. Porém, todos os alunos entendem e falam português. No que diz respeito às especificidades existentes na turma, importa mencionar que um dos alunos é portador de espectro de autismo, no entanto, o mesmo realiza todas as atividades de acordo com os restantes colegas e sem demonstrar qualquer tipo de dificuldade; outra aluna sofre de um défice de atenção, mas consegue também acompanhar todas as atividades realizadas ao longo do dia. Existem três alunos que apesar de já conseguirem acompanhar significativamente o currículo de 2.º ano, estão a realizar trabalho e a desenvolver competências referentes ao 1.º ano do Ensino Básico, dois deles porque chegaram o ano passado de outro país e outro porque proveio de outra instituição e ainda revela algumas dificuldades no conhecimento das letras e, conseqüentemente, na aquisição da leitura.

A turma demonstra interesse natural pelo que estão a aprender e curiosidade em saber sempre mais, explorando novos conteúdos e temáticas. Desta forma, estas características da turma fazem com que as aulas sejam bastante interativas, promovendo o diálogo e a discussão.

A turma segue a organização de horário apresentada na tabela 3.

Tabela 3- Rotina diária 2ºano

| Horário | Atividade |
|----------------|-----------------------------------|
| 9h00-10h30 | Componente letiva |
| 10h30-11h00 | Interrupção Lanche e Intervalo |
| 11h00-12h00 | Componente letiva |
| 12h00-13h30 | Interrupção |

| | |
|-------------|-------------------|
| | Almoço |
| 13h30-15h30 | Componente letiva |

3.1.2. Prática pedagógica no 2.º ano

3.1.2.1 Projeto de intervenção

A seleção da temática do presente projeto de intervenção surge de acordo com a observação realizada durante o período de estágio. Neste sentido, foi possível analisar e interpretar os diversos diálogos entre a professora e a respetiva turma, assim como diálogos entre colegas. Após alguns dias a observar o comportamento da turma fui percebendo que era um grupo com alguma dificuldade em respeitar o próximo, por exemplo quando não esperavam pela sua vez de falar e mostravam-se pouco tolerantes com os colegas e com pouca empatia.

O projeto foi também motivado pela identificação das necessidades sociais e emocionais dos alunos, uma vez que o respeito por si e pelos outros está intimamente ligado ao desenvolvimento socio emocional e esse era um aspeto ao qual pretendíamos chegar e talvez contribuir para a sua progressão. Outra das necessidades identificadas na turma foi a inexistência de trabalhos de grupo, também muito por causa da dimensão da sala e da disposição da mesma.

Neste sentido, procurei desenvolver um projeto que colmatasse esta questão e permite-se que os alunos colaborassem uns com os outros, cooperando na realização de trabalhos e atividades. O trabalho em grupo ou a pares é extremamente importante na medida em que promove a aprendizagem colaborativa e consequentemente a cooperação e a aceitação de diferentes ideias.

Não obstante, menciono que tentei sempre interligar as diferentes áreas curriculares, focando sempre na Cidadania e Desenvolvimento visto que foi a principal área do projeto.

Deste modo, destaco que todos os objetivos do projeto foram cumpridos e notou-se uma melhoria nos aspetos que sentimos necessidade de desenvolver, as crianças participaram ativamente e entenderam a importância do trabalho colaborativo.

3.1.2.2 Reflexão sobre a prática pedagógica

A minha experiência no estágio foi desafiante, uma vez que nunca tinha estagiado em 1.º Ciclo. No entanto, a professora cooperante recebeu-me muito bem e entendeu sempre as minhas dificuldades dando-me ferramentas para progredir no futuro. Durante o meu estágio, tive a oportunidade de planejar, implementar e avaliar diversas atividades pedagógicas que procuraram responder às necessidades do grupo de alunos, promovendo um ambiente educativo organizado, estimulante e facilitador das aprendizagens. As atividades desenvolvidas tiveram como base os princípios do currículo e procuraram articular diferentes áreas do saber, promovendo aprendizagens significativas e contextualizadas. Neste sentido e como a temática do projeto se incidia na componente de Cidadania e Desenvolvimento, todas as atividades estavam relacionadas com o mesmo.

Apresento em seguida algumas atividades desenvolvidas relativamente a diversas áreas curriculares. Apresento um exemplo da área de português que surge no decurso de uma história que escutaram. Esta atividade foi realizada a pares e, em conjunto, teriam de escrever aquilo que consideraram crucial nessa história, notando-se muita cooperação, interesse e empenho. Verifiquei que todos entenderam a mensagem da história, conseguindo nomear o respeito como sendo a temática principal da mesma. Esta atividade envolveu também as TIC, pois os alunos tiveram de copiar as frases para o seu computador, existindo alguma dificuldade na escrita do Word, visto que ainda não têm prática com esta funcionalidade, não obstante, a escrita das frases no computador fez com que fosse visível o empenho com que as digitavam, questionavam sobre a escrita correta das palavras e procuravam rever a frase com atenção. Vários alunos comentaram espontaneamente frases como *"Gosto de escrever assim, parece que sou um escritor de verdade"* ou *"Quando é que podemos voltar a usar o computador?"*, o que evidencia não só o interesse pela tarefa, mas também a perceção de que estavam a realizar uma atividade com significado. O uso do computador funcionou como um fator de motivação adicional, promovendo o gosto pela escrita e reforçando a importância de diversificar os recursos pedagógicos em sala de aula.



Figura 12- Atividade TIC

Na área da Matemática, fez-se a construção de um gráfico de barras relacionado com os valores cruciais para a vida social escolar. Realça-se o diálogo inicial que serviu de introdução para os mesmos, explicando o que são e a sua importância. Posteriormente, registou-se os mais importantes e de seguida cada criança teve oportunidade de votar naquele que achavam mais relevante. Tudo isto gerou alguma confusão tendo de se repetir a atividade, nem todas tinham votado e estavam agitadas porque queriam saber o propósito da votação. De seguida, consoante os números de votantes em cada um, realizou-se um gráfico. Destaca-se que o feedback das mesmas não foi positivo pelo que não entendiam como organizar o gráfico, sentindo alguma dificuldade e falta de orientação. Assim sendo, mostrei-lhes um exemplo e fui fazendo em conjunto para que todos acompanhassem ao mesmo tempo.

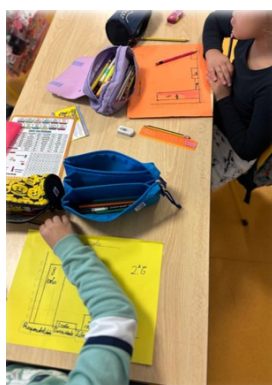


Figura 13- Atividade gráfico de barras

Por último, na área de Estudo do Meio, realizou-se um debate, partindo do recurso educativo- Manual. Este teve como base a exposição de várias situações do dia-a-dia, referente à cidadania em que cada um teria de explicar como é que agiria. Os alunos

participaram com grande interesse, partilhando exemplos de situações vividas na escola e sugerindo comportamentos que consideram adequados, como *"não gozar com os outros"*, *"ajudar quando alguém está triste"* ou *"esperar a vez para falar"*. Um aluno afirmou: *"Se tratarmos bem os colegas, a sala fica mais calma e todos aprendemos melhor"*, revelando consciência sobre a ligação entre atitudes positivas e o ambiente de aprendizagem. Através deste debate, foi possível observar não só o envolvimento dos alunos, mas também a sua capacidade de argumentação, escuta ativa e desenvolvimento de valores fundamentais à cidadania.

Deste modo, constato que a presente a implementação do Projeto "Abraçar o Mundo" foi uma experiência enriquecedora que além de fortalecer as minhas aprendizagens teóricas, transmitiram a importância da flexibilidade na adaptação e comunicação eficaz na promoção dos valores fundamentais na Educação. Realço também que, sendo o primeiro estágio em 1.º Ciclo, fez com que percebesse que é uma área que me fascina muito, no entanto senti que exigiu mais de mim. Todavia, percebi que o manual é um recurso muito importante e que auxilia bastante o professor, mas senti que neste estágio recorreu-se excessivamente o que dificultou na criação de outros recursos.

Neste sentido, considero que ao longo do estágio, procurei refletir continuamente sobre a minha prática pedagógica, identificando não só os aspetos positivos, mas também os pontos que necessitam de melhoria. Um dos aspetos que reconheço como um desafio foi a gestão do tempo durante algumas atividades, especialmente em momentos em que os alunos demonstravam grande entusiasmo ou quando surgiam imprevistos. Por vezes, senti dificuldade em encerrar a atividade no tempo previsto, o que afetava a transição para outras tarefas. Além disso, embora tenha procurado adaptar a linguagem às necessidades da turma, percebi que, em determinadas ocasiões, poderia ter dado instruções mais claras e objetivas, para garantir uma melhor compreensão por parte de todos os alunos. Estes momentos foram importantes para reforçar a importância do planeamento detalhado, da flexibilidade e da capacidade de ajustar estratégias em função das dinâmicas do grupo.

Não obstante, senti que tive uma excelente integração na comunidade escolar, todos os elementos da sua equipa procuram responder a questões que tinha relativamente a esta área e fizeram com que me sentisse adaptada. Destaco ainda que, um ponto fulcral

nesta experiência foi a presença nas reuniões de pais, de núcleo e de departamento do 1.º Ciclo do Ensino Básico, revelaram-se oportunidades extremamente enriquecedoras para o meu conhecimento sobre o trabalho desenvolvido todos os dias nas escolas, permitindo um contacto mais próximo com esta vertente que está sempre ligada ao trabalho em sala de aula.

Enquanto futura professora, senti que foi um estágio que me deu ferramentas importantes e me fez sentir dentro do mundo da educação, nomeadamente pela comparência em reuniões. Contudo verifiquei uma evolução ao longo das semanas, além da adaptação ao espaço físico, identifiquei também progressos noutras dimensões da minha prática enquanto estagiária. Um dos aspetos em que evoluí foi na gestão do grupo e manutenção da disciplina. Inicialmente, sentia alguma dificuldade em lidar com comportamentos de distração ou conversas paralelas, hesitando em intervir de forma assertiva. Com o tempo, aprendi a estabelecer regras claras desde o início das atividades, a usar estratégias de reforço positivo e a recorrer a sinais não verbais para evitar interrupções constantes. Outra área em que notei evolução foi na diferenciação pedagógica, inicialmente tendia a propor tarefas mais uniformes, mas à medida que fui conhecendo melhor os alunos e as suas necessidades, comecei a adaptar atividades com diferentes níveis de dificuldade ou formas de realização, permitindo maior inclusão e participação.

3.2. Estágio com a turma do 4.º ano

3.2.1. Caracterização do contexto

No que concerne ao último estágio do Mestrado, este realizou-se numa instituição pública localizada numa vila pertencente ao concelho de Rio Maior. O mesmo teve a duração de seis semanas e foi executado numa turma de 4.º ano, com idades compreendidas entre os 9 e os 10 anos.

Colaboram no Centro Escolar: Educadoras de Infância; Docentes de 1.º Ciclo do Ensino Básico; Docentes responsáveis por lecionar Música e Inglês; Docente responsável pela Biblioteca Escolar; Docentes de educação Especial; Docente de Apoio Educativo; Docente responsável por Português Língua Não Materna; Membros responsáveis pela EMAEI (Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva);

Psicólogas; Terapeutas (ocupacionais e da fala); Equipa das AAF'S; os técnicos das Atividades de Enriquecimento Curricular; as Auxiliares de Ação Educativa; cozinheira; e ajudantes de cozinha.

O Centro Escolar contém um edifício composto por dois pisos. Por isso, é constituída por: Um refeitório; Uma sala de funcionários; Uma receção; Uma sala de professores; 4 salas de Pré-Escolar; 5 salas de 1.º Ciclo; Uma sala ActiveLab; Uma biblioteca; Uma sala do Centro de Apoio à Família; Uma sala destinada ao prolongamento das atividades; Casas de banho.

Além disto ainda contém uma parte exterior com um campo de jogos, um parque infantil, e uma zona tapada onde as crianças brincam quando as situações climatéricas estão mais alteradas.

3.2.2 Caracterização da Sala

A sala do 4.º ano localiza-se no primeiro andar, junto a uma sala de 1.º ano e a duas casas de banho. A mesma contém uma boa iluminação solar e artificial, tendo janelas bastante grandes. No que diz respeito à dimensão da sala, a mesma tem as condições necessárias para uma boa gestão e organização do espaço, estando os alunos divididos em quatro grupos. Relativamente à arrumação, dispõe de diversos armários, existe uma zona de higiene (lavatório) e por baixo várias gavetas onde são guardados materiais tais como, toalhitas, papel higiénico e desinfetante. Realça-se que a sala contém um quadro de giz, um quadro interativo, um painel onde estão visíveis os trabalhos, um aparelho de ar condicionado, um computador, um telefone fixo e a secretária da professora titular.



Figura 14- Sala do 4ºano

3.2.3 Caracterização da turma

De acordo com o respetivo dossiê da turma do 4.º ano, a mesma é composta por vinte e cinco alunos, sendo que 15 são do sexo feminino e 10 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 9 e os 10 anos. Nesta turma, são visíveis diferentes níveis de aprendizagem, no entanto não existe nenhum abrangido pelo decreto de lei n.º 54/2018.

No que concerne à área de residência da turma, todos os alunos residem na freguesia onde se encontra o Centro Escolar ou nas suas proximidades. No geral, todos os membros da turma se deslocam para a instituição através dos meios de transporte próprios ou no transporte solicitado pela Câmara. A turma supracitada demonstra interesse natural pelo que estão a aprender e curiosidade em saber sempre mais, explorando novos conteúdos e temáticas. Desta forma, é bastante participativa e dinâmica e com poder de argumentação e expressão. Porém, contém algumas fragilidades em realizar tarefas individuais, visto que como a sala está disposta por grupos os alunos não estão muito familiarizados com este método, e muitas das crianças transmitem alguma falta de autoestima, nomeadamente inseguranças e pouca confiança. A organização da turma está apresentada na tabela 4.

Tabela 4- Rotina Diária 4ºano

| Horário | Atividade |
|----------------|-----------------------------------|
| 9h30-11h00 | Componente letiva |
| 11h00-11h30 | Interrupção Lanche e Intervalo |
| 11h30-12h30 | Componente letiva |
| 12h30-14h00 | Interrupção Almoço |
| 14h00-16h00 | Componente letiva |

3.2.2. Prática pedagógica no 4.º ano

3.2.2.1 Projeto de Intervenção

A seleção da temática do presente projeto de intervenção surge de acordo com a observação e com conversas com a professora realizadas durante a primeira semana supervisionada. Deste modo, a docente disse-me que os alunos tinham algumas fragilidades no trabalho individual, visto que como se encontravam dispostas em grupos não realizavam muitas tarefas deste género, sentindo que eu e a minha colega enquanto estagiárias e implementadoras de um projeto que vá ao encontro de necessidades e interesses da turma, poderíamos realizar atividades que fortalecessem e desenvolvessem esta adversidade. Neste sentido, foi possível perceber que a turma tinha interesse pelo “desconhecido” e a temática dos Astros era o próximo conteúdo a ser lecionado pela docente, sendo que os alunos tinham pouco contacto com a mesma. Por isso, juntou-se este interesse com a necessidade de trabalhos individuais.

Em conformidade com os parágrafos anteriores, este projeto foi ao encontro do projeto da instituição e com ele conseguimos interligar as diferentes áreas curriculares do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Deste modo, destaco que todos os objetivos do projeto foram cumpridos e notou-se uma melhoria nos aspetos que sentimos necessidade de desenvolver, as crianças participaram ativamente, mostrando sempre interesse e entendendo a relevância que o trabalho individual pode ter.

3.2.2.2. Reflexão sobre a prática

O último estágio deste mestrado foi o que eu considero que mais me ensinou. Considero ter tido muitos receios no início, uma vez que nunca tinha estagiado num 4º ano e sentia que iria ser um ano que ia exigir muito de mim. No entanto, graças à professora cooperante, fiquei mais segura e percebi que a exigência e o desafio só me desenvolvem enquanto futura professora.

Realço que a professora cooperante procurou evitar o uso do manual, utilizando recursos diversificados (fichas de consolidação, uso de materiais tecnológicos-computador/tablet...) para além do mesmo, com o objetivo de tornar as aprendizagens mais dinâmicas e contextualizadas. Compreendi que, embora o manual seja um apoio importante, não deve limitar a ação pedagógica, sobretudo quando se pretende promover o envolvimento ativo dos alunos

Deste modo e consoante o projeto implementado sobre os Astros, senti que consegui motivar a turma, devido ao meu elevado conhecimento sobre a temática, procurando sempre suscitar-lhes o interesse.

Uma das atividades desenvolvidas, consoante o projeto, incidiu-se nas áreas do português, estudo do meio e cidadania. Esta tinha como objetivo relacionar a comemoração “Dia do Trabalhador” com a temática dos Astros. De seguida, foi lançada a questão orientadora de como esses conteúdos se poderiam relacionar com a celebração do dia posterior, promovendo um momento de debate e participação ativa. Nesta fase foram surgindo intervenções que evidenciaram a compreensão do conceito “trabalho” e das diferentes profissões. Destacam-se dois comentários:

B12: Para saber isso há cientistas! (CM, dia 30 de abril de 2024)

B7: Fácil, alguém que trabalha nos vídeos teve que os fazer!” (CM,30 de abril de 2024)

Partindo destas respostas, concluiu-se o reconhecimento da necessidade de especialistas e profissionais em diferentes áreas para a produção de conhecimento e recursos que fazem parte do seu quotidiano. Ainda durante este momento, visualizou-se os vídeos, após os quais os alunos tiveram que responder a três questões orientadoras. As respostas foram depois partilhadas em grande grupo, tendo-se verificado uma elevada participação e constatando-se que o mais curioso por grande parte das crianças foi o vídeo sobre a estação espacial, bem como a aprendizagem sobre o nome dos planetas. Este interesse ficou patente em comentários como:

B2: Professora, uma estação espacial é quase uma casa? (CM, dia 30 de abril de 2024)

B16: B7, queres saber se existem mais planetas? Eu também” (CM, dia 30 de abril de 2024)

Estes excertos de evidenciam, não só o entusiasmo dos alunos, mas também a curiosidade científica e a vontade de aprofundar conhecimentos.

A turma do 4.º ano tem um gosto especial por questões de cidadania, sendo me possível perceber que são alunos com uma visão madura sobre aquilo que as envolve, procurando sempre mudar ou melhorar algo que seja necessário. Confesso, que tudo isso me fascinou, principalmente a forma como a professora cooperante os inseria nas temáticas importantes para a sociedade, algo que futuramente pretendo fazer com os meus alunos.

Não obstante, a minha integração na comunidade escolar foi muito positiva, aprendi mais, tirei dúvidas, porém consegui perceber as dificuldades que é trabalhar em equipa e os conflitos existentes entre colega, por falta de aceitação de opiniões. Mas, foi uma forma de perceber que é muito importante que exista comunicação entre toda a comunidade e que quando o ambiente é saudável a motivação para inovar também aumenta.

Para concluir e sendo o meu último estágio, quero realçar o quanto enriquecedora foram estas seis semanas de prática. Tive oportunidade de contactar com projetos que desconhecia, como a o Plano Individual de trabalho em que cada criança tem a oportunidade de escolher a atividade que pretende realizar e o CIA2- Empreendedorismo que passa por ter uma cidadania ativa e faz com que exista ligação com as várias instituições da freguesia (Centro de dia, Junta de Freguesia, a Farmácia), onde as crianças criam propostas de inovação da vila e desenvolvem uma atitude ativa), e com um meio mais rural e familiar, ao qual não me sentia habituada.

Parte II- Trabalho de pesquisa:

Nesta parte apresenta-se o trabalho de pesquisa desenvolvido no decorrer da PES no contexto de jardim de infância (JI) e de 2.º e 4.º anos do 1.º CEB. Para tal, esta parte estará organizada em várias secções: contextualização do estudo; enquadramento teórico, opções metodológicas, apresentação dos resultados, e, por último, as considerações finais referentes ao estudo realizado.

1. Contextualização do estudo

A temática selecionada para o trabalho de pesquisa – “A organização do ambiente educativo em Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico” – surgiu de uma problemática identificada na prática pedagógica que visa a compreensão do contributo da organização do ambiente educativo para a aprendizagem das crianças na educação de infância e no 1.º Ciclo. Esta surgiu durante o estágio em contexto de JI ao ter inserido uma nova área na sala “O Consultório Veterinário”. Partindo disso, fui também observando os efeitos que a mudança pode ter no ambiente de aprendizagem. Como tal, envolvi algumas crianças na organização desta área de modo a perceber se influenciava na curiosidade e interesse pela temática. Após tudo isto, entendi que tinha

algum apreço pela temática, pelo que me questionei como é que todos estes elementos poderiam influenciar na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças.

Verificou-se ser relevante selecionar este assunto para abordar no relatório final, visto que como futura educadora/professora é importante entender que um professor/educador tem um papel ativo na organização do ambiente educativo e deve ter sempre em atenção as várias dimensões que o constituem (Forneiro, 2008). Contudo, o ambiente educativo pode sofrer alterações ao longo do ano letivo, mas estas têm sempre de ter em conta a aprendizagem, o desenvolvimento e o bem-estar do grupo/turma (Niza, 1998). Deste modo, e tal como o no Decreto-Lei n.º 241/2001 de 6 de julho afirma, todo o ambiente educativo (interações, espaço, clima...) tem uma função primordial para o desenvolvimento das crianças, cabendo ao professor/ educador ter isso em conta na operacionalização do currículo. Não obstante, esta temática também permite investigar a questão da participação da criança na organização do ambiente educativo, dando-lhes oportunidades de fazer escolhas, tornando-as capazes de tomar decisões mais assertivas (Lino, 2014).

Neste sentido, delinearam-se os seguintes objetivos para o trabalho: (i) compreender a organização do ambiente educativo no 1.º ciclo do ensino básico; (ii) identificar a importância que o ambiente educativo pode ter para professores; (iii) compreender o envolvimento das crianças na organização do ambiente educativo e o contributo desse ambiente para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Foi realizado um estudo piloto durante o estágio em Educação de infância que contribuiu para o desenvolvimento do estudo de modo aprofundado no 1.º ciclo. Decorrente destes objetivos, desenvolveu-se um estudo no 1.º CEB mais focado para o qual foram delineadas questões orientadoras, que em conformidade com Ponte (2002) “A formulação de boas questões para a investigação é um ponto de grande importância no trabalho investigativo” (p.13). Destaca-se que as questões podem evoluir com o estudo, no entanto “é importante que essa variação vá no sentido de uma maior precisão e delimitação”. (Ponte, 2002, p.13). Assim, ficam definidas as seguintes questões de pesquisa a que procuro dar resposta com este estudo:

1- Como se desenrola o envolvimento das crianças na organização do ambiente educativo na sala de aula no 1.º ciclo do ensino básico?

Esta questão procura entender o papel do professor na promoção do envolvimento da criança, explorar questões referentes à autonomia, responsabilidade, participação e pedagogia centrada na criança, compreender se este envolvimento lhes traz mais segurança e bem-estar no ambiente onde estão inseridas e por fim, esclarecer questões relacionadas com as faixas etárias e o impacto que isto pode ter nas diferentes idades.

2- Quais os contributos do ambiente educativo, na sala de aula e noutros espaços da escola interiores e exteriores, para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças do 1.º ciclo do ensino básico?

Neste sentido, o estudo visa analisar diferentes tipos de organização de ambientes educativos e perceber se a mudança de espaço em contexto de aprendizagem pode facilitar no desenvolvimento da mesma, como é feita a sua organização em termos de tecnologias e apurar perspetivas dos envolventes (crianças e docentes) nestes ambientes.

2. Enquadramento teórico

2.1 Organização do ambiente educativo

O processo de ensino-aprendizagem só ocorre se existir um trabalho planeado e se o ambiente educativo estiver devidamente organizado em termos de espaço, de grupo, de tempo e de materiais, para que haja dinamização de atividades executadas pelas crianças (Cardona, 2007). É necessário afirmar que as crianças/ alunos, devem não só compreender o espaço onde estão inseridas/os como também os materiais, sendo crucial participar na sua organização e gestão de modo a desenvolver autonomia (Silva et al., 2016). Filipe et al. (2021) considera que os profissionais de educação devem proporcionar uma participação ativa na criança desde cedo, através de práticas do quotidiano, promovendo processos autónomos no reconhecimento do trabalho partindo do outro. Deste modo, a organização do ambiente, conforme Frago (2020), promove autonomia, na medida em que a criança/ aluno tem noção de como o ambiente

está organizado e onde se encontram os materiais, sem que o docente os tenha de ir buscar por ele/a. Evidencia-se também que a sua organização e planeamento, mais concretamente do espaço sala, provém muitas vezes dos vários modelos pedagógicos existentes, todos eles com especificidades e objetivos distintos uns dos outros.

Segundo os autores supracitados, o conceito “ambiente educativo” é abrangente, pelo que nele deve estar incluído o espaço, o tempo, os materiais e as relações interpessoais. Por isso, pode-se entender que o ambiente educativo é uma estrutura de quatro dimensões: as dimensões físicas que estão relacionadas com o espaço e a sua respetiva organização, as dimensões relacionais estão ligadas com as condições sociais, as dimensões temporais associam-se à gestão do tempo e, por fim, as dimensões funcionais correlacionam-se com o modo de utilização do espaço, focando-se na atividade para que está direcionado. Deste modo, é importante que este esteja devidamente organizado para que possa ser facilitador de momentos de aprendizagem e desenvolvimento para as crianças e que forneça momentos de formação para os adultos que nele trabalham.

Destaca-se também que o estabelecimento educativo deve conter um projeto educativo que sirva como fio condutor para a coordenação da Educação Pré-Escolar e do 1.º Ciclo, e que proporcione espaços com propósito de partilha (refeitório, recreio, biblioteca...), sempre orientados e planeados em conjunto pela equipa educativa (Silva et al., 2016).

No entanto, um professor ou um educador depara-se com alguns elementos que podem condicionar a organização do ambiente educativo. Neste caso, na maioria das vezes este tem de se adaptar às normas já existentes na instituição, por exemplo, na forma como o espaço está organizado e os recursos que dispõe (mobiliários...), tem de estar sempre sujeito a alterações, muitas vezes devido às condições climáticas, ou até mesmo por questões de gestão dos espaços comuns a todos os membros

De acordo com Silva et al. (2016), a relação que a criança/aluno tem com o ambiente educativo faz com que ocorra um desenvolvimento humano constituído por um processo dinâmico de relação com o meio, pelo que o indivíduo é influenciado, mas também influencia o meio envolvente. Por isso, cabe ao educador ser o principal moderador destas relações. Neste caso, esta relação deve ser sempre pensada e adaptada às diversas situações, sendo crucial que o docente esteja atento, que escute

as crianças, de modo a perceber os seus interesses e necessidades, colocando sempre a criança numa posição de participação, inclusão e decisão. Deste modo, e de acordo com estes autores, é crucial que na valência de educação pré-escolar, o educador deva ter uma observação e reflexão cuidada sobre tudo aquilo que envolve a criança, mais concretamente o ambiente educativo para que consiga entender se está ou não a beneficiar a criança. Como afirmam Silva et al. (2016):

“É a partir da observação que faz da exploração e da utilização dos espaços e dos materiais, das interações criança-criança e criança-adulto, da gestão do tempo, que o educador se mune de informação para que a organização do ambiente educativo seja melhorada e ajustada às necessidades do grupo de crianças. (p.17)

Ainda em conformidade com Silva et al. (2016), as salas de Educação Pré-Escolar devem estar devidamente organizadas em áreas (cada uma contém um conjunto único de materiais e oportunidades de exploração) de interesse, de modo a responder às necessidades do grupo. O educador deve refletir consoante esta organização, alterando sempre que necessário consoante a evolução do grupo. A este respeito o educador tem de ter em atenção quais os materiais que quer que estejam na sala, fazendo uma seleção com algum rigor, tendo em conta o projeto de sala, o desenvolvimento, as necessidades do grupo e a segurança dos mesmos. Realça-se também que as paredes devem estar decoradas com os trabalhos elaborados pelas crianças, para que sejam visíveis tanto para elas como para os adultos, servindo como forma de comunicação representando o que foi abordado e desenvolvido. Neste sentido e de modo a facilitar toda a organização, Cardona (1999) refere que as salas de atividades também são organizadas consoante as escolhas das crianças, tendo estas a autonomia de as alterar, consoante as atividades que optam por realizar.

Silva et al. (2016) defendem que o grupo permite interações sociais através das relações entre as crianças, entre crianças e adultos e entre adultos. Não obstante, para que o funcionamento do mesmo ocorra de maneira positiva, existem fatores como ter em atenção as características individuais de cada criança, bem como o número de crianças que o constituem consoante o sexo e a idade. Deste modo, para que a dinâmica do grupo traga benefícios no desenvolvimento das crianças, é necessário que exista

organização proveniente do educador que deve estabelecer regras de funcionamento, em que a criança também pode participar na sua elaboração.

No que concerne ao tempo, Silva et al (2016) referem que cabe ao educador organizar a logística de cada dia, estabelecendo uma rotina pedagógica, obedecendo a ritmos próprios consoante cada criança. Nota que este tempo deve estar organizado de forma flexível, deve ter momentos em que cada criança esteja a fazer algo mais individual, em pequeno e em grande grupo, para que se desenvolva uma aprendizagem diversificada, havendo sempre tempo para as crianças explorarem, brincarem, experimentarem, modificarem ou aperfeiçoarem. tempo que contemple de forma equilibrada diversos ritmos e tipos de atividade.

No que se refere ao ambiente educativo no 1.º Ciclo do Ensino Básico, este assemelha-se ao de Educação Pré-Escolar, na medida em que Freitas (2008) defende que este deve ser sempre planeado, organizado e gerido de forma a promover o bem-estar e desenvolvimento nas crianças. No entanto, é visível um contraste relativamente às logísticas em contexto sala, na de Pré-Escolar existem atividades mais lúdicas e as crianças têm mais possibilidade de decidir aquilo que querem explorar, na de 1.º Ciclo acontece precisamente o contrário, não existindo tanta liberdade nessas escolhas. Uma outra particularidade do 1.º Ciclo é a monodocência, em que o professor se encontra com um papel central, dando-lhe a total responsabilidade de todos os processos/ desenvolvimentos educativos (Formosinho & Machado, 2018).

Nesta valência, de acordo com Forneiro (2008), o espaço sala de aula está concedido ao professor e à turma, que embora os docentes não possam controlar a dimensão do espaço têm a autonomia de o organizar consoante necessitem. Neste caso, Niza (1998) afirma que na sua perspetiva a sala de aula deve estar organizada de forma a promover trabalhos a pares ou em grupo, tendo diferentes áreas (área da biblioteca, área da matemática...). As paredes devem conter calendários, registo de presenças, trabalhos elaborados pelos alunos, materiais ou recursos que os auxiliem na aprendizagem de conteúdos. Arends (2008) sugere a disposição em filas e colunas caso o professor queira a atenção dos alunos mais focada numa direção (ensino expositivo) , a disposição em círculo ou em “U” para que se possam realizar discussões, ou a disposição em grupos para a aprendizagem cooperativa ou tarefas em pequenos grupos. No entanto, o professor pode pretender que os alunos apenas fiquem de frente

para si, aí tem de ir observando, tem de ser mais flexível devido a algumas condições dos alunos (falta de visão, atenção, audição) (Arends,2008).

No que diz respeito aos materiais, Louseiro (2005) refere que devem ser consoantes as necessidades da turma e conforme os tipos de projetos/ atividades que o professor tem planeado. Estes devem ser distribuídos pelas áreas, caso o professor opte por esta organização, no entanto se não for apologista devem estar devidamente organizados com identificação para que a gestão de atividades seja facilitada. Defende também que deve existir um armário com materiais de fácil acesso para que todos os alunos possam utilizar.

Relativamente ao tempo, no 1.º Ciclo, este torna-se em grande parte condicionado pelas orientações das entidades competentes, na medida em que são definidos tempos para as áreas curriculares, ou seja, consoante um conjunto de disciplinas são definidas horas de lecionação, tendo o professor de gerir este tempo, muitas vezes prescrito por horários.

Não obstante, em ambas as valências, as crianças devem ter um papel ativo na organização do ambiente educativo, na medida em que ao conhecerem o espaço e as suas possibilidades, existe uma influência no desenvolvimento, na sua autonomia e na do grupo, pelo que é fundamental que vão dando sugestões para a ocorrência de mudanças, de maneira a apropriarem-se do espaço que as envolve. (Silva et al., 2016). Em conformidade com o *PASEO- Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* (Martins et al., 2017), é importante que seja promovida uma participação ativa em tudo o que envolve os alunos, devendo ser criados espaços para intervenções livres.

Hohmann e Weikart (2011) destacam ser crucial que a segurança tanto física como psicológica também seja uma prioridade para que se verifique uma melhor organização naquilo que envolve todos os membros educativos. Assim, o ambiente deve ser tranquilo, digno e deve-se ter sempre em atenção a precaução de situações de risco para os seus envolventes.

2.2 Organização do ambiente educativo e a aprendizagem:

Bronfenbrenner (2002) estudou a forma como o ser humano e o ambiente se relacionam, criando o Modelo Ecológico do desenvolvimento humano. Nesta

abordagem, o foco é o indivíduo que está diretamente relacionado com um microsistema, que se define em padrão de atividades, papéis e relações interpessoais experimentadas ao longo do tempo pela pessoa em desenvolvimento num dado contexto com características físicas e materiais particulares. Deste modo, é notório que o ambiente educativo é crucial para o desenvolvimento do ser humano, sendo que influencia o sujeito e o sujeito, por sua vez, influencia o ambiente, havendo uma correlação fundamental, muito de encontro àquilo que é expectável e à abordagem sistémica e ecológica. Neste sentido, é necessário que a sala esteja organizada, de modo a influenciar a forma como os alunos trabalham e aprendem (Teixeira & Reis, 2012).

Cleveland & Fisher (2014) citado por Hirsto & Kokko (2020) destacam que os ambientes só fomentam a aprendizagem quando contém áreas como pedagogia, tecnologia e espaço físico, sendo o espaço físico um núcleo de ideais. Estes espaços físicos são locais de colaboração e trocas de ideias entre a componente física e social. (Mills e Comber(2015) citado por Hirsto & Kokko (2020).

De acordo com o Perfil dos alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (Martins et al., 2017), existem inúmeras competências que devem ser desenvolvidas nos alunos, consoante os diferentes ambientes educativos, contudo para que estas sejam adquiridas é necessário um ambiente de aprendizagem interativo e flexível, existindo um relacionamento interpessoal, através da interação e cooperação entre os alunos, um desenvolvimento ao nível pessoal focando-se na autonomia, sendo isto evidente num ambiente centrado no aluno com autonomia para desenvolver estratégias para conseguir atingir os seus objetivos.

Erol et al.(2020) mencionam que para que ocorra desenvolvimento e aprendizagem é necessário que exista uma relação com o meio, em que o indivíduo é influenciado, mas também influencia o meio em que vive. Deste modo, Bassedas et al (2009) referem que no caso do espaço onde a criança/ aluno se insere, ou seja a escola, este deve ser considerado um ambiente de aprendizagem e bem-estar e não somente um local onde permanecem crianças durante parte do dia sob a supervisão de um adulto que dirige e controla. Por sua vez, Zabalza (2005) aponta que:

“Seja qual for a organização da sala (...) será preciso que os espaços estejam dispostos em função das necessidades das crianças, tornando

possível, junto à sua atividade autónoma, a ação compartilhada em grupo. De qualquer forma, o professor deve ter consciência de que uma determinada estrutura da sala, favorece determinadas atividades.”
(p.262)

Oliveira-Formosinho (2011) destaca que a sala é um local que deve estar organizado de modo a originar aprendizagem, envolvendo sempre a criança, para que esta seja ouvida e valorizada, de maneira que esta tenha sempre desejo de aprender. No entanto, é importante mencionar que uma vez que o ambiente educativo não se restringe à sala de aula, os restantes espaços exteriores e interiores também são fontes de aprendizagem ativa. O educador ou professor pode reforçar o ambiente interior com o ambiente exterior através de uma visita de estudo. Deste modo, Ganhão (2017), revela que o espaço exterior proporciona experiências para o currículo, sensações e desafios que não estão presentes no interior e é reconhecido como um lugar que fomenta o desenvolvimento e a aprendizagem.

Para que ocorra aprendizagem nos espaços físicos, é necessário existirem diferentes relações sociais, entre professores, entre professores e alunos ou entre alunos, criando significados para o espaço físico promovendo alterações e processos de evolução. (Hirsto & Kokko 2020)

Não obstante, para que ocorra aprendizagem é necessário que o ambiente/ clima seja de segurança, livre da violência, para que se possam desenvolver habilidades ao nível cognitivo, intrapessoal e interpessoal em todos os alunos, (Gayle et al., 2013). Assim, de acordo com Forneiro (2008), é essencial que exista uma ligação entre a gestão e a organização do ambiente educativo com as atividades que se pretenda executar, uma vez que se o ambiente for fomentador de aprendizagem os resultados são melhores. O esquema da figura 15 identifica as dimensões que intervêm no ambiente de aprendizagem: Dimensão Física, Dimensão Funcional, Dimensão Temporal e Dimensão Relacional.



Figura 15- Dimensões do ambiente de aprendizagem

(Fonte: Forneiro ,2008)

2.3 Diferentes ambientes educativos

Os ambientes educativos apesar das suas especificidades devem ter como característica comum, a inclusão. Deste modo, todos estes ambientes devem ser considerados inclusivos para que todos os alunos, independentemente das suas diferenças sociais, culturais, individuais, aprendam e possam usufruir de uma educação onde os valores sejam respeitados (Colaço et al., 2022).

É importante realçar que os ambientes educativos se podem distinguir em tradicionais ou inovadores. Os ambientes educativos tradicionais (AET), em conformidade com Cavadas e Correia (2020), tem algumas particularidades, nomeadamente serem espaços em que o ensino se encontra centrado no professor, sendo este o principal detentor de conhecimento, no qual o aluno tem apenas um papel de recetor e a sua postura não é muito ativa no processo de aprendizagem. A proposta de trabalho tem um carácter individual e com estímulo para a memorização. Relativamente aos recursos, estes não existem em grande diversidade. A organização do espaço é caracterizada pela difícil flexibilidade, em que os alunos se encontram em filas, virados para o quadro e para o professor, contém poucas zonas de aprendizagem e o conforto é limitado.

No que concerne aos ambientes educativos inovadores (AEI), Figueiroa e Monteiro (2018) consideram ser espaços de trabalho organizados e pensados consoante o desenvolvimento e a aprendizagem focando-se sempre nos alunos. Estes autores defendem que estes ambientes devem atentar para três dimensões: (i) o espaço; (ii) a pedagogia; (iii) tecnologia. Estas devem estar relacionadas entre si, agilizando a inovação de metodologias referentes aos processos de ensino e aprendizagem. Neste sentido, cavadas e Correia (2020) consideram que este modelo deve ter em atenção o papel que o professor tem na aprendizagem dos alunos, o papel do aluno enquanto aprendiz ativo, a forma como será gerida a aprendizagem, os recursos educativos disponíveis e a organização do espaço. Trata-se, assim, de um ambiente educativo que dispõe momentos expositivos, trabalhos de cooperação e partilha (grande ou pequeno grupo), apresentação de projetos ou tarefas, trabalhos individuais, atividades fora da sala de aula, de modo a introduzir os alunos em contextos reais e o uso de plataformas interativas e tecnológicas.

3. Aspetos metodológicos

Nesta secção é apresentada a natureza do estudo realizado no 1.º CEB e o estudo piloto exploratório que decorreu no jardim de infância, sendo enunciadas e justificadas as opções metodológicas, os participantes no estudo e os processos de recolha e análise de dados.

3.1. Estudo piloto exploratório

O estudo piloto decorreu na sala de jardim de infância onde realizei estágio. Esta sala era composta por vinte e cinco crianças, sendo sete do sexo feminino e dezoito do sexo masculino, as suas idades estão compreendidas entre os três e os seis anos. Ao longo deste tópico, de modo a mostrar as evidências tanto delas como da Educadora, serão identificadas como:

- C1-C25- quando se refere a diálogos ou ações das crianças;
- E- quando se refere a diálogos da educadora.

Deste modo e como foi referido em cima este projeto partiu de um interesse do grupo de crianças. Assim procedeu-se à construção do “Consultório Veterinário”.

Como primeira tarefa em grupo, decidiu-se o lugar onde este estaria posicionado, foram várias as sugestões e alguns debates:

C2: “Acho que na Área da Casinha ficava bonito”. (CM, dia 9 de maio de 2023)

C1: “Não porque a casinha já tem muitas coisas”. (CM, dia 9 de maio de 2023)

C2: “Podemos tirar um móvel.” (CM, dia 9 de maio de 2023)

E: “Convém ser num espaço diferente da casinha! Estamos a adicionar uma área nova.” (CM, dia 9 de maio de 2023)

Através deste diálogo percebeu-se o interesse das mesmas na resolução deste “problema”, no entanto optou-se por fazer uma votação e a maioria escolheu que fosse à entrada da sala junto à porta:

C4: “Aí é mais bom, quando chegamos à sala vamos logo para lá brincar” (CM dia 9 de maio de 2023)

E: “Lembrem-se que terá regras como as outras áreas!” (CM, dia 9 de maio de 2023)

Numa fase seguinte selecionaram-se os materiais que seriam necessários, em que as camas dos pacientes foi o que tiveram como primeiro interesse de criar. Estas foram elaboradas através de caixas de madeira em que eles podiam pintar e decorar como quisessem, esta atividade foi realizada em grupo. A escolha de serem apenas duas camas também foi do grupo, na medida em que :

C2: “ Este espaço é mini, por isso, só cabem duas camas”(CM, dia 10 de maio de 2023)

E: “Muito bem C2, conseguiste ter noção do espaço!” (CM, dia 10 de maio de 2023)

C4: “Sim e não temos muitos animais na sala.” (CM, dia 10 de maio de 2023)

C12: “Mas uma das camas pode ter mais do que um” (CM, dia 10 de maio de 2023)

E: “Normalmente num hospital cada cama só pode ter um paciente!” (CM, dia 10 de maio de 2023)

Posteriormente e através de um jogo de caça ao tesouro as crianças puderam encontrar os restantes materiais: estetoscópios, caixas de comprimidos vazias, injeções, pensos... E de seguida, tendo já sido solicitado aos pais, cada criança apresentou o seu animal que iria colocar no novo espaço, definindo que cada dia seriam 2 animais diferentes para que todos pudessem usufruir.

Após tudo isto, procedeu-se a organização da nova área da sala. As crianças mostravam entusiasmo, não só por ser algo novo e diferente, mas também pelo gosto que tinham pelo cuidar e pelos animais. Questionaram inúmeras vezes quando podiam começar a brincar e quais as regras para este novo espaço (algo que foi definido em grande grupo, sendo apenas 2 pessoas de cada vez por ser um lugar pequeno).

Por fim, começaram a explorar o mesmo existindo algumas sugestões de novos materiais e regras de “brincadeira”:

C4: “Precisamos de um computador para escrever os nomes dos animais!”
(CM, dia 16 de maio de 2023)

C10: “Os donos dos animais têm de esperar na sala de espera!” (CM, dia 16 de maio de 2023)

Deste modo, foi visível rostos felizes, curiosos e empenhados com este novo espaço. Assim, destaco que este foi o principal mote para a temática do presente relatório, foi evidente que isto não seria exclusivamente a atividade em si a promover aprendizagem, mas sim o modo como o espaço foi pensado, a organização e apropriação por parte do grupo. O ambiente transformou-se em resposta aos seus interesses, permitindo funcionalidade e significado para eles, existindo mudanças positivas no comportamento, no discurso, na criatividade e interação. Além disto, procurei sempre uma participação ativa por parte das crianças desde a sugestão inicial de construir as camas para os “pacientes”, à escolha dos materiais, definição dos papéis e gestão do espaço, demonstrando um ambiente flexível e acessível, entendendo que o interesse das crianças poderia não vir só do tema, mas também pelo facto de sentirem que aquele espaço era delas e feito por elas.

Este projeto despertou em mim, um olhar mais atento e curioso sobre questões de mudança no ambiente educativo, bem como organização. Conduzindo à necessidade de aprofundar a reflexão sobre o tema. Assim, foi possível questionar como é que o ambiente educativo pode (ou não) favorecer a aprendizagem, o bem-estar e o desenvolvimento das crianças em diferentes contextos escolares, incluindo posteriormente o 1.º Ciclo.

Por fim, este estudo ajudou a estruturar os instrumentos de recolha de dados e a definir o âmbito da intervenção do 1.º Ciclo que a seguir se reporta.

3.2. Opções metodológicas

O estudo foi desenvolvido durante os estágios no 1.º ciclo, com turmas de 2.º ano e de 4.º ano, por esse motivo, a recolha de dados foi realizada aquando das práticas pedagógicas.

A investigação desenvolvida ao longo do presente relatório, tem como propósito perceber como deve ser o papel do aluno e do docente na organização do ambiente educativo e de que forma este pode influenciar na aprendizagem, em 1.º CEB (2.º ano e 4.º ano). Deste modo, Hamido e Azevedo (2013) defendem que sempre que existe

investigação e pensamento científico, estes facilitam a compreensão de situações educativas, e auxiliam a construção do saber educativo.

Tem em conta as questões de investigação definidas, a pesquisa elaborada é de natureza qualitativa, na medida em que, em conformidade com Bogdan e Biklen (1994) este tipo de abordagem é "uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das perceções pessoais" (p.11). Ainda neste tipo de metodologia é importante perceber que o processo de análise de dados vai-se especificando ao longo da investigação e o próprio investigador interessa-se pelos pontos de vista dos participantes (Bogdan e Biklen, 1994). De acordo com estes autores, a investigação qualitativa defende que o investigador utiliza uma abordagem em que as conclusões emergem diretamente a partir de observações e dos dados recolhidos.

Ponte (2002) enuncia que para que se faça um estudo desta natureza, tem de se ter em atenção todo o rigor que esta exige, compreendendo os procedimentos informais e formais dos professores, para que se possa adotar uma investigação académica. Coutinho (2012) defende que neste tipo de estudo é complicado conseguir-se dados e respetivamente analisá-los, na medida em que o investigador é o principal mediador. O estudo segue um design de investigação- ação, na medida em que se baseia em maneiras de recolha de informação consoante a que a investigação lhe vai proporcionando (Coutinho et al. 2009). De acordo com a MacNaughton e Hughes (2009), este tipo de investigação envolve diferentes fases, nomeadamente – pensar; agir e criar mudança. Este é crucial para a docência na medida em que, segundo Coutinho (2011) a promoção de aprendizagem poderá surgir através de uma investigação-ação e que a ação que parte do professor pode ter a finalidade de pesquisa e de intervenção.

Como aponta Ponte (2002), o professor deve ter uma atitude perante a investigação, partindo de questões problema relacionadas com a aprendizagem, o aluno, as aulas ou o currículo. Assim, parte se de um problema geral, que consta na forma como o ambiente educativo pode influenciar na aprendizagem.

3.3. Participantes

Consoante a finalidade de verificar e validar todos os instrumentos de recolhas de dados, bem como os objetivos do estudo, partiu-se de uma atividade numa sala de jardim de infância.

Neste sentido, o presente estudo incidiu na valência de 1.º CEB, em duas turmas, uma de 2.º ano e outra de 4.º ano. A primeira turma de 1.º CEB era de 2.º ano e constituída por vinte alunos, treze do sexo feminino e sete do sexo masculino, com idades entre os sete e os oito anos. A turma de 4.º ano consistia em vinte e cinco alunos, sendo quinze do sexo feminino e dez do sexo masculino, as suas idades variavam entre os nove e os dez anos.

Deste modo, nestes dois contextos somam-se quarenta e cinco alunos para se efetuar o estudo. Não obstante constitui também para amostra do meu estudo a duas professoras de 1.º CEB, uma com 41 anos e outra com 54 anos. Importante referir que estas eram as titulares das duas salas referidas acima. A ambas realizei uma entrevista (*cf. Anexo 3*), de forma a conhecer os seus pontos de vista sobre o tema em estudo. No que respeita a questões éticas, o anonimato dos participantes foi assegurado e o estudo foi desenvolvido assegurando que não trazia qualquer aspeto prejudicial aos participantes.

3.4. Recolha e análise dos dados

Como forma de dar resposta às questões orientadoras e atendendo aos objetivos definidos desta investigação, recorreu-se a diversas técnicas/instrumentos de recolha de dados, tais como: (i) entrevista semiestruturada; (ii) observação participante- registo fotográfico e notas de campo. Brunheira (2000) revela que a diversificação na utilização de instrumentos aumenta a informação e o entendimento da mesma e dá-nos uma maior quantidade de dados.

A recolha de dados para dar resposta à primeira questão orientadora, que se baseia no envolvimento do aluno e do professor na organização do ambiente educativo de uma sala de 1.º ciclo, é realizada através de entrevistas, bem como de notas de

campo e momentos de observação direta. Para a segunda questão, que se centra na influência do ambiente educativo, os dados são recolhidos por entrevistas, notas de campo, registos fotográficos e momentos de observação.

No que concerne à entrevista, a análise de conteúdo tanto a das crianças como a dos docentes (*cf. Anexo 2 e 3*) esta é considerada semiestruturada, sendo utilizada como complemento de confirmação para os dados obtidos nas notas de campo e registo fotográfico. A entrevista é, deste modo, considerada “uma das técnicas de recolha de dados mais frequentes na investigação naturalista e consiste numa interação verbal entre o entrevistador e o respondente, em situação face a face...” (Afonso, 2014, p.104). Este tipo caracteriza-se pela existência de um guião previamente orientado e elaborado com o desenvolvimento da conversa.

Relativamente à observação participante, esta de acordo com Estrela (1994) caracteriza-se pela participação do investigador na rotina de quem é estudado, em que conseqüentemente deve manter interações com o assunto ou meio de estudo. Esta participação é variável no decorrer do estudo, sendo necessário existir uma adaptação ao grupo e vice-versa, tendo em atenção a quantidade e o modo correto de participação conforme o estudo que se pretende elaborar (Bogdan e Biklen, 1994). Este tipo de observação participante permite a obtenção de diversos registos, tais como: as fotografias que são visíveis no corpo do trabalho e as notas de campo (*cf. Anexo 1*). Assim, o registo fotográfico foi utilizado com bastante regularidade, na medida em que servia de apoio para a avaliação e reflexão sobre a temática, sendo possível observar com maior rigor e pormenor certos momentos, por isso, esta técnica cria dados para que a investigação seja mais detalhada e intensa, depois da concretização das atividades (Bogdan & Biklen, 1994). Por fim, estes autores defendem também que as notas de campo, são outro instrumento que auxilia o relato das atividades, podendo assumir uma dimensão descritiva, com excertos de diálogos, paráfrases e resumos de conversas entre sujeitos

Ainda assim, com o objetivo de recolher dados sobre a presente temática, realizei diversas atividades em contextos diferentes dos ambientes educativos onde realizei a minha intervenção, as planificações seguem em anexo (*cf. Anexo 5*). Segue-se a tabela 5 que apresenta aspetos da organização da intervenção: 1. Contextos; 2. Turmas; 3. Locais onde se realizaram e as atividades. As turmas são identificadas como

Turma 1, correspondente à turma de 2.º ano com alunos são referenciados de A1 a A20, e Turma 2, correspondente à turma do 4.º ano, em que os alunos caracterizam-se de B1 a B25. Segue-se os locais onde se realizaram as atividades, visando a diferenciação dos ambientes educativos, e na mesma coluna as respetivas atividades.

Tabela 5 Atividades desenvolvidas em cada contexto

| Contextos | Turma | Local e Atividades |
|------------------|----------------------------|--|
| 1.º CEB- 2.º ano | Turma 1- 2.º ano- A1 a A20 | Sala de aula (trabalho em grupo-elaboração de cartazes) . Sala de aula (trabalho de pares) Biblioteca (dinamização de uma história) |
| 1.º CEB- 4.º ano | Turma 2- 4.º ano- B1 a B25 | Sala de aula (trabalho individual, banda desenhada) Hall do piso 1 (maquete do sistema solar) Exterior (construção de um relógio de sol, medição de áreas e perímetros) ActivLab (atividade experimental) |

Importa referir que as professoras serão intituladas de: professora 1 a da turma de 2.ºano e a professora 2 a da turma de 4.ºano.

No que concerne à recolha e análise de dados, de modo a responder às questões orientadoras, privilegiam-se a observação participante em que se realizaram registos fotográficos e notas de campo, a entrevista semiestruturada e a elaboração de atividades que visam completar os dados desta investigação. Na tabela 6 é apresentada uma descrição dos momentos em que decorreu a recolha de dados.

Tabela 6- Momentos da recolha de dados

| Técnicas e Instrumentos. | Período de realização do trabalho de campo | Participantes | Dados Recolhidos |
|---------------------------------|---|----------------------------|--|
| Entrevista semiestruturada | dezembro 2023 maio 2024 | 45 alunos 2 professoras | Alunos: Preferências no ambiente educativo e mudanças que gostavam que acontecessem nos mesmos. Professoras: Relacionadas com base na experiência |
| Observação Participante | novembro 2023 dezembro 2023 abril 2024 | 45 alunos | Durante as atividades realizadas para fomentar a investigação, avaliou-se: |

| | | |
|--------------------------|-----------|---|
| (Registo Fotográfico) | Maio 2024 | - Organização dos diferentes ambientes educativos; -Mudanças nos ambientes educativos e as suas respetivas dimensões consoante o autor Forneiro (2008). -Participação da criança na organização do mesmo. |
|--------------------------|-----------|---|

Deste modo, a presente investigação baseia-se nas quatro dimensões que o autor Forneiro (2008), menciona no seu artigo. Estas são a base para a análise desta temática:

- (i)- Dimensão Física- refere-se ao espaço físico, às suas respetivas condições estruturais, objetos e toda a sua organização e disposição.
- (ii) Dimensão funcional- está relacionada com a forma de utilização dos espaços, o tipo de atividade a que se destinam, sendo que o mesmo espaço pode assumir diversas funções.
- (iii) Dimensão Temporal- visa a organização do tempo e dos momentos em que são organizados os espaços, mais concretamente a rotina.
- (iv) Dimensão Relacional- apresenta as diferentes relações no ambiente educativo, professor-aluno, aluno-professor e aluno-aluno. Nesta é importante que se observe um ambiente dinâmico e não estático, em que existem interações por parte de todos os seus elementos.

4. Resultados

Na presente secção apresentam-se os resultados relativos ao envolvimento dos alunos na organização bem como quais os seus contributos para a aprendizagem.

No que concerne à organização a análise foi planeada consoante dois momentos: o ponto de partida inicial, que descreve perceções dos alunos, da professora e meus antes de se realizarem alterações de forma a avaliar e a perceber a evolução, e as transformações ocorridas após intervenções. Esta análise permite compreender não só como os alunos percecionavam o espaço, mas também de que forma participaram no processo de reorganização e quais as transformações observadas.

Posteriormente, será abordado o tema central desta investigação: os contributos da organização do ambiente educativo para a aprendizagem, tanto dentro da sala de aula como em contextos fora dela. Este eixo é particularmente relevante, na medida em que destaca a forma como a disposição do espaço, a acessibilidade aos materiais e a participação ativa dos alunos podem influenciar a motivação, a autonomia e a qualidade das interações no processo de ensino-aprendizagem.

4.1 Contexto do 2.º ano

4.1.1 Envolvimento na organização

4.1.1.1 Ponto de partida

No que concerne a este tópico, na turma de 2.º ano, foi-me possível fazer a análise através das entrevistas (*cf. Anexo 3, professora do 2.º ano e Anexo 4, alunos do 2.º ano*) tanto à professora da turma do 2.º ano como aos alunos, observações diretas, registos fotográficos e conversas com a docente ao longo da prática.

Neste sentido, foi possível perceber que a professora considera incluir sempre os alunos na organização do ambiente educativo, na medida em “(...) que são eles os responsáveis pela ocorrência de mudanças, realizando sempre alterações na disposição da sala”, e participam “(...) na arrumação e escolha de materiais, na disposição de trabalhos feitos” (*c.f. Anexo 3, entrevista professora do 2.º ano*), no entanto a sala figuras (9,10 e 11) tem um espaço bastante condicionado, o que dificulta estes envolvimento. Os alunos mostravam algum desagrado: “Queria mudar de lugar e de sala” (*c.f. Anexo 4, alunos do 2.º ano- A3*), ao longo do dia notava-se alguma dificuldade na organização dos materiais, visto que as prateleiras não eram muito espaçosas, tal como demonstra este excerto:

A7: “Professora já não me cabe mais nada e só tenho os livros, onde posso colocar este novo caderno” (CM, dia 15 de novembro)

Perante esta situação a professora cooperante revelou que tem sido muito difícil colocar os materiais devidamente organizados por alunos, em que cada um tinha o seu espaço, pelo que este caderno diário teria de ir para o sítio os materiais suplentes, gerando alguma desorganização do espaço e dificuldade na gestão de tarefas.

Notou-se ainda alguma dificuldade na disposição dos lugares, algo que a docente considera que para que ocorra “(...) aprendizagem é crucial alterar a disposição dos lugares dos alunos, sempre que o comportamento não seja o ideal” (cf. Anexo 3, *entrevista professora do 2.º ano*), tentando sempre dar voz aos alunos para que lugar gostariam de ter ou consoante as suas necessidades (alunos com mais dificuldades sentarem-se na fila junto ao quadro) ou devido a questões de comportamento. Na presente sala dificilmente acontecia, a disposição era quase sempre a mesma e os lugares raramente se alteravam, só quando o comportamento não era adequado, ocorrendo em conformidade com a minha observação um episódio em que uma aluna não parava de falar com a colega do lado pelo que teve de se sentar duas mesas depois, mostrando desinteresse em participar nas seguintes atividades visto que não estava perto da amiga e porque nunca podia escolher o lugar (lacuna bastante presente devido a falta de espaço e de consequentemente de mesas).

Ainda em relação à disposição, as mesas tinham de estar todas juntas à exceção de duas, visto que numa se sentava um aluno com necessidades educativas especiais e noutra uma criança com dificuldade na concentração tendo que estar perto da professora. Aqui é notável as limitações nas escolhas de lugares, nem todas tinham a opção de se sentarem sozinhas.

A10: “Professora, a minha bolsa vai ter de estar ao meu colo não tenho espaço para colocar o meu caderno direito porque a mesa do A14 está colada à minha” (CM, dia 29 de novembro).

Além disto era notório que a movimentação estava condicionada, bem como dinâmicas de grupo, nas figuras (9,10 e 11) demonstra-se a dificuldade na execução de dinâmicas de grupo, muitos não conseguem visualizar o trabalho e participar como gostariam, mostrando desinteresse nas mesmas.

Nesta atividade que foi a criação de um cartaz muitas crianças quase não participaram porque se sentiam longe da cartolina e mesmo que trocassem de lugar haveria sempre alguma que lhe aconteceria o mesmo.

A2: “O quadro está logo aqui como é que posso meter a cadeira, não vejo nada, não quero fazer” (CM, dia 15 de dezembro de 2023)

No entanto alguns procuram estabelecer soluções:

A10: “Troca comigo agora cinco minutos e fazes a parte das letras, assim participas” (CM, dia 15 de dezembro de 2023)



Figura 16- Grupo trabalho dos cartazes



Figura 17- Grupo trabalho dos cartazes

Através destas duas notas de campo pode-se entender a dificuldade em participar nestas dinâmicas devido à organização, mas também formas que os alunos vão arranjado para colmatar este tipo de situações.

A turma no geral vai sugerindo algumas hipóteses principalmente encontrar uma forma de arrumar as mochilas visto que estas ocupam espaço nas cadeiras, mostrando alguma tentativa de envolvimento.

A14: “A minha mochila está sempre a cair, precisamos de colocar todas no canto da sala” (CM, 27 de novembro de 2023)

Deste modo, ainda assim, é visível alguma desarrumação dos seus materiais, pois sentem que não é da sua responsabilidade arrumar, já que não estão muito envolvidos. No entanto, a professora atribui cada semana um chefe e subchefe para distribuir os recursos educativos (livros escolares ou fichas de consolidação), bem como um responsável por mudar o calendário e verificar o estado do tempo, tudo isto acaba por envolvê-los

Assim, nesta respetiva turma os alunos nem sempre têm hipótese de estar envolvidos na organização, a não ser que seja noutra espaço sem ser a sala de aula,

como já chegou a acontecer nas assembleias de escola em que o seguimento do programa da mesma são os alunos que o decidem, ou até mesmo na biblioteca, espaço esse que todos apreciam, “Devíamos mudar de sala ou ter sempre aulas na biblioteca” (c.f anexo 4, entrevista aluno do 2.º ano- A12).

4.1.1.2 Alterações

Deste modo e como forma de fazer com que exista mais envolvimento e como havia uma preferência pelo espaço da biblioteca, realizei a primeira atividade do meu projeto de intervenção na mesma , onde se puderam sentar livremente, visto que era um espaço mais amplo, e escolheram a zona onde seria contada a história.



Figura 18- Leitura da história



Figura 19- Disposição dos alunos

Notou-se interesse, mas alguma falta de atenção e distrações essencialmente com os livros, visto que não estavam habituados a ter dinâmicas lá. No entanto, de forma geral foram participando de forma ordenada.

A3: “Professora o A20 não para de mexer nos livros e não está a ouvir”
(CM, dia 30 de novembro de 2023)

A16: “Pode ler de novo? Aqui ouvimos melhor” (CM, dia 30 de novembro de 2023)

Este excerto demonstra-nos o gosto por atividades realizadas fora do contexto sala, mais precisamente a biblioteca. Aqui respeitaram os princípios da mesma, sentido que esta é um local de silêncio e a importância que este tem: “ouvimos melhor”.

Após sentir que esta atividade os motivou e lhes deu alguma calma, regressou-se à sala e realizou-se uma atividade a pares, algo que gerava confusão e desagradado.

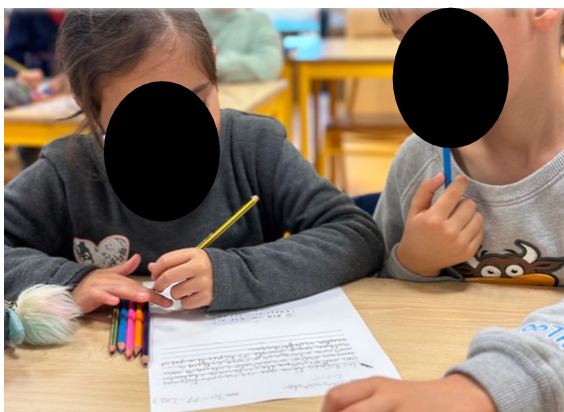


Figura 20- Atividade de pares sobre a história

No entanto, esta deu-lhes a hipótese de a explorar num outro lugar de mesa para que se sentissem com um poder de escolha e para existir mudanças na sala, ainda que temporárias. Tal como se verifica com este aluno que sentiu que preferia o seu lugar inicial, mas mesmo assim mudou:

A16: “Nunca pensei ficar mesmo cá a frente, acho que continuo a preferir o meu outro lugar”. (CM, dia 30 de novembro de 2023)

Acrescentando a isto ouvi da parte deles ideias de mudanças (*cf, Anexo 4, alunos do 2.º ano*) que gostariam que existissem no seu ambiente educativo para que os mesmos se sentissem mais uma vez ouvidos. Analisando de uma maneira geral todos sentiam a necessidade de trocar de sala e após falar com a professora ela também considerou que esta tinha de deixar de funcionar como espaço para aulas devido ao seu espaço e disposição, além disto todos gostam bastante da biblioteca, daí levá-los lá mais do que uma vez por semana, e uma aluna referiu que sente necessidade de uma sala de computadores visto que no dia tecnológico não existe capacidade para ligar tanto computador à corrente, pelo espaço.

Realço também que uma das lacunas era a dificuldade de se movimentarem sem que as malas caíssem ou ficassem desarrumadas, para isso pedi a cada um que escolhesse um local para que todas se organizassem. As respostas foram imediatas e arrumou-se tudo no canto da sala, ficando por semana dois alunos responsáveis por organizá-las sempre que necessário.

Para concluir e em conformidade com as alterações efetuadas, evidencio que fui sempre tendo comentários motivadores e positivos quanto a sala, mostrando-lhes que se fizemos pela mudança, sentimo-nos sempre melhores. Apercebi-me que com o passar das semanas os comentários foram alterados, ainda que as organizações para dinâmicas de grupo continuassem a ser uma lacuna.

4.2.1 Contributos para a aprendizagem:

Ao longo da minha intervenção neste contexto foi perceptível que a organização da sala, devido à sua disposição, dificultou a aprendizagem. Presenciava-se uma escassez de trabalhos de grupo e uma recusa pela parte dos mesmos em realizá-los, tornando-se difícil para aprofundar questões de cooperação. A professora defendia bastante que “(...) para que o ambiente seja facilitador de aprendizagem é crucial alterar a disposição dos lugares dos alunos, sempre que o comportamento não seja o ideal” (*cf. Anexo 3, entrevista à professora do 2.º ano*), mas como a sala não o permitia, na medida em que “(...) os alunos estão mais próximos uns dos outros” (*cf. Anexo 3 entrevista à professora do 2º ano*) e o ruído era elevado, tudo isso dificultava a atenção da turma. No entanto, senti que a disposição podia sofrer alterações e ao colocar as mesas em disposição de grupo (“em ilhas”) facilitaria as dinâmicas e obtinha-se um melhor aproveitamento por parte dos alunos.

Professora1: “Movimentar o mobiliário ajuda a adaptar o espaço à atividade, melhorando os resultados, no entanto raramente o fiz pela logística que exige e sendo sozinha em sala é mais difícil” (CM, dia 5 de dezembro de 2023)

De facto, na atividade que executei após realizar estas alterações, o aproveitamento dos alunos foi melhor na medida em que todos os grupos quiseram apresentar o seu trabalho, o que demonstrou participação e interesse na dinâmica.



Figura 21- Apresentação da atividade dos gráficos

Outro dos aspetos a ser analisado foi a exposição dos trabalhos nas paredes, na medida em que considerei que a sala de aula tinha apenas recursos educativos da matéria lecionada, notando que as crianças se manifestavam que os pais nunca observavam as tarefas elaboradas pelas mesmas. Assim, após realizar a atividade com representações gráficas afixei os trabalhos na parede do fundo para que a turma sentisse valor no que executaram e desenvolvem-se o espírito crítico tanto relativamente ao seu trabalho como aos dos colegas.

A1: “Agora vamos ter sempre os nossos trabalhos à mostra?” (CM, dia 7 de dezembro de 2023)

A15: “Não, não há espaço, devem ser só alguns!” (CM, dia 7 de dezembro de 2023)

A12: “Adoro ver como o meu gráfico, ficou perfeito” (CM, dia 7 de dezembro de 2023)

A9: “Nem contornaste a caneta A12” (CM, dia 7 de dezembro de 2023)

Realço que, tal como referido no tópico anterior, o desagrado era notório pela sala e por isso realizei uma atividade fora do contexto sala, neste caso a biblioteca, não só porque é um local sugerido por eles, mas por também conter recursos que a o espaço sala não tem, esta não continha “cantinhos ou áreas”, neste caso direcionada à leitura.

A professora foi apologista desta atividade: “gosto de fazer atividades em espaço diferentes, já que a sala de aula não permite grandes dinâmicas, dificultando a

aprendizagem” (cf. Anexo 3, professora do 2.ºano) ,na medida em que, como é o caso da atividade, sempre que os alunos escutavam uma história na própria sala, poucos prestavam atenção, tudo os incomodava:

Professora1: “A13 e A15 não param de brincar com a borracha e a mochila de A14 está sempre a cair porque A3 só manda pontapés; A1 interrompe e pede para ir à casa de banho” (CM, 27 de novembro de 2023)

Partindo deste excerto é possível perceber o nível de atenção e interesse, como o A13 e o A15 estão na mesma mesa, a borracha serve de distração e o A3 como está no lugar atrás da mesa destes e os seus pés muito perto da mochila - limitação de movimentação-serviu de dispersão. Assim ao trocarem de local, também os ajuda a perceber que não existe unicamente a sala de aula na escola e que é importante saber utilizar espaços comuns para que a aprendizagem seja positiva. Aqui não existiu tanta desconcentração, mas sim um fascínio maior por ser uma atividade de escuta de história e estarem na biblioteca (local onde é habitual isso acontecer). Evidencio que o facto de ser um espaço confortável, todos se sentaram de forma adequada e confortável, beneficiou do interesse. A mudança de rotina ativou-lhes a curiosidade, na medida em que todos os dias é hábito, no início do dia, explicarmos o que se irá suceder, tendo neste momento intitulado a atividade como: “Momento Surpresa”. Na biblioteca também estão expostos trabalhos dos alunos e no final da atividade dei-lhes a oportunidade de observarem com rigor, tendo ouvido alguns comentários.

A7: “Vês como eu adoro a biblioteca, tem todos os trabalhos bonitos da escola.” (CM, 15 de dezembro de 2023)

A10: “Sim, A7, a nossa sala podia ter mais, breve é Natal podíamos ter.” (CM, 15 de dezembro de 2023)

A7: “Muda sempre na biblioteca”. (CM, 15 de dezembro de 2023)

Notou-se o entusiasmo em verem a decoração, essencialmente feita por eles. Ao regressarem à sala foi solicitada a realização de um mural sobre o Natal para a sala ficar diferente. Assim, a presente análise mostra que o contexto, exerce um papel determinante na qualidade das aprendizagens. Dentro da sala de aula, marcada por um espaço reduzido, surgem limitações na concentração e na escuta atenta, sobretudo em atividades como a leitura de histórias, onde o ambiente se torna facilmente dispersivo.

Em contrapartida, ao deslocar-se para a biblioteca, observou-se um envolvimento mais ativo e interessado das crianças: o espaço amplo, organizado e silencioso proporcionou melhores condições para a atenção, a compreensão e o prazer da leitura. Assim, confirma-se que a diversidade e adequação dos ambientes educativos constituem um contributo essencial para favorecer a motivação e a eficácia das aprendizagens.

4.2 Contexto do 4.º ano:

4.2.1 Envolvimento na organização:

4.2.1.1 Ponto de partida inicial

No presente contexto recorri aos mesmos instrumentos de análise como no de 2.º ano.

Relativamente ao envolvimento das crianças no ambiente educativo, entendeu-se a importância que a professora atribui à integração da criança na organização do ambiente educativo: “(...)a criança deve assumir um papel crescente e ativo em tudo o que envolve a sua aprendizagem e o seu processo escolar pois assim também maior é o seu compromisso com o(s) mesmo(s).” (c.f. *Anexo 3, professora do 4.º ano*), referindo que o seu envolvimento tratará efeitos positivos para o seu desenvolvimento.

Consequentemente ao seu ponto de vista, verificou-se que neste contexto a organização física da sala constitui um fator facilitador da participação ativa e da autonomia. A disposição do espaço em quatro grupos de trabalho permite a interação entre pares, não dificultando a movimentação e o acesso livre aos materiais de modo autónomo. Os diversos armários e gavetas, devidamente identificados, possibilitam que os alunos participem nos momentos de arrumação, favorecendo a noção de responsabilidade e pertença. O espaço de higiene (com lavatório e materiais de limpeza acessíveis), tal como podemos observar nas figuras seguintes e no excerto, reforça a autonomia nas rotinas diárias, como lavar as mãos ou limpar materiais, o que contribui para a interiorização de hábitos de autocuidado.



Figura 22- Prateleiras de organização



Figura 23- Zona de higienização

B14: “Já terminei de pintar o meu planeta, vou limpar os materiais e arrumar, ok professora?” (CM, dia 2 de maio de 2024)

Professora2: “Claro, não te esqueças de os deixar a secar?” (CM, dia 2 de maio de 2024)

B14: Só amanhã é que arrumo no pote”. (CM, dia 2 de maio de 2024)

Através deste diálogo é possível perceber que o aluno assume a responsabilidade de que depois de os usar, têm de colocar os materiais no devido lugar.

No que concerne aos recursos materiais, destaca-se a presença de um quadro interativo, um computador, um armário com uma vasta diversidade de materiais (experimentais, artísticos...), o que fascina as crianças. Os alunos apreciavam que a professora lhes solicitasse algum material do armário. A professora tem também uma perspetiva muito positiva da sala: “Adoro a minha sala tem muito espaço e muitos materiais.” (cf. Anexo 3, professora 4ºano).

Existia um painel com os trabalhos das crianças que funcionava como elemento de valorização das conquistas e expressão pessoal, incentivando o sentimento de orgulho e de reconhecimento do esforço individual. No entanto, sentiam necessidade de expor alguns trabalhos também noutros espaços da escola:

B22: Podíamos colocar o nosso Sistema Solar lá fora, para os meninos das outras salas aprenderem”. (CM, dia 2 de maio de 2024)

Não obstante, senti algum desagrado na questão da organização da sala em pequenos grupos, pois sentiam necessidade de existirem também tarefas individuais,

mas a disposição em grupos não o permitia. Era notável que se enervavam com a imensidade de trocas de ideias sem chegar a nenhuma conclusão e pelo facto de mudarem muita vez de lugares. Todas as segundas-feiras existiam algumas alterações.

B2: “Não gosto muito quando fazemos trabalhos de grupo há sempre confusão.” (CM, dia 15 de abril de 2024)

B4: “Não gosto de estar sempre a mudar de lugar.” (CM, dia 15 de abril de 2024)

Considero também que senti que as crianças eram muito escutadas, na medida em que a maioria dos projetos de sala partia dos interesses delas. Várias vezes referiam que adoravam a professora porque lhes dava atividades muito lindas (*cf. Anexo 4, alunos do 4.º ano- B2*). Mostrando a existência de uma relação muito positiva entre professora-aluno.

4.2.1.2. Alterações

Neste contexto, embora o espaço sala de aula seja um fator a favor, era visível pela parte das crianças alguma dificuldade em realizar atividades individuais devido à forma como estava disposta a sala. Por isso, alterei a disposição da sala colocando-os sem ser por grupos. Solicitei-lhes que fossem eles a dispor as mesas, avisando que nem todos poderiam ficar sozinhos numa só mesa, por estas não serem em número suficiente. Esta alteração foi temporária pois o PIT envolvia esta organização em pequenos grupos. Contudo, embora tenha sido algo temporário, as crianças foram levando sugestões e fazendo comentários:

B2: “O B7 tem que ficar mais perto da porta para ir a casa de banho, por causa do problema dele”. (CM, dia 22 de abril de 2024)

B12: “Oh B3, tu tens que ficar sozinho deixas sempre tudo desarrumado”. (CM, dia 22 de abril de 2024)

(B2 e B7 começam a afastar as mesas e vão colocando em filas, mas afastadas, B14 e B20 juntam-se e fazem a mesma tarefa, pouco tempo depois todos ajudam e colocam sugestões, sendo que 3 crianças ficam apenas a observar e perguntam se nunca mais irão realizar tarefas de grupo)

Posteriormente, a sala passou a ter 3 filas com 6 mesas separadas entre si e todos se sentaram onde quiseram. Embora o aluno B7 tenha ficado na última fila perto da porta como um dos alunos sugeriu, nota que esta sugestão foi levada até ao final do

ano letivo. A turma ficou nesta disposição apenas dois dias, havendo alguma contestação porque consideraram que havia mais espaço na sala e mais concentração.

Com consequência desta alteração, as crianças, de forma individual, produziram uma banda desenhada cujo o tema seria “Uma ida à Lua”, no qual se destacou empenho por parte dos alunos, bem como uma atitude mais reflexiva e responsável em relação ao próprio trabalho. Os resultados dos trabalhos foram bastante positivos e todos conseguiram responder ao que era pedido.



Figura 24- Exemplo de BD

Num outro momento, tendo em conta o feedback das crianças, sentiu-se a necessidade de expor algo feito por elas e que tivesse utilidade para a comunidade escolar. Assim, elaborou-se um relógio de sol na parte exterior da instituição, perto do campo de jogos, um espaço que todos usufruem. Assim, utilizaram-se tintas e giz e colocaram-se em prática conteúdos que estavam a ser abordados (ângulos, os Astros, as sombras), visto que foi necessária uma explicação para que entendessem como se utilizava aquele recente recurso.

Ao longo da execução da dinâmica notou-se entusiasmo por parte das crianças, embora alguma dificuldade em entender como o construíram. Frisa-se que foi colocado no lugar escolhido pelas crianças e as cores do mesmo foram eles quem decidiram.

B2 e B19 conversam e afirmam que os colegas das outras salas vão ficar surpreendidos porque o 4º ano pintou o recreio como já tinha feito do outro lado. (CM, dia 9 de maio de 2024)

B12: “Professora, isto está mesmo giro, só acho difícil os meninos da pré entenderem” (CM, dia 9 de maio de 2024)

B1: “Eles ainda não sabem ver as horas, não te preocupes isto para eles é só uma decoração nova” (CM, dia 9 de maio de 2024)

B10: “Já viram que tanta gente vai poder saber as horas? Com algo no chão” (CM, dia 9 de maio de 2024)

B1: “Nós mudamos a escola e o recreio!” (CM, dia 9 de maio de 2024)

B20: “Fiquei curioso para saber como o Sol faz mexer a sombra” (CM, dia 9 de maio de 2024)

B1: “Meninos o sol até é importante para marcar o tempo” (CM, dia 9 de maio de 2024)

Com base nestes excertos foi notório o interesse, o desejo de mudar, a procura de agradar aos colegas e o orgulho e a satisfação pessoal por participarem num projeto escolar que transforma o espaço exterior e pode ser visto por todos. Todos tiveram a oportunidade de participar. Três de cada vez devido ao calor que se fazia sentir naquele dia e à agitação que poderia causar serem tantos em simultâneo. Todo este contacto direto suscitou curiosidade ao nível científico e em aprender mais sobre o mundo natural. Este trabalho, sendo em grande grupo, permitiu-lhes desenvolver a cooperação, o respeito e o sentido de responsabilidade, percebendo o contributo de cada um para o resultado final. As figuras abaixo demonstram a elaboração do recurso:



Figura 25- Medição relógio de Sol



Figura 26- Pintura do Relógio de Sol



Figura 27- Concretização do Relógio de Sol

Por fim, a localização do mesmo gerou sentimento de pertença visto que sempre que alguém de outra turma se chegava perto eles afirmavam que tinham sido eles a realizá-lo. Verificava-se um sentimento de alegria e de ligação à escola, até porque se trata de uma turma de 4.º ano que em breve deixaria a escola. Para eles este projeto teve um impacto simbólico e um valor de despedida, deixando uma marca visível e duradoura na escola.

B22: “Quando formos embora todos se vão lembrar que foi a nossa turma que fez”. (CM, dia 9 de maio de 2024)

Deste modo, e consoante os exemplos referidos ao longo deste tópico, foi notório o envolvimento das crianças em dinâmicas de organização do ambiente educativo.

4.2.2. Contributos para a aprendizagem

A docente titular considerava que o ambiente educativo “(...) é todo e qualquer espaço que seja promotor de uma verdadeira e significativa aprendizagem” (*cf. Anexo 3, professora do 4.ºano*), ou seja, se este for benéfico a aprendizagem ocorre mais facilmente. Neste sentido, a sala de aula deste contexto foi um facilitador de aprendizagem, pela variedade de materiais disponíveis e por possibilitarem a diferenciação pedagógica. Era também relevante a disposição do mobiliário que permitia uma circulação fluída e incentivava aos trabalhos em grupo/pares, fomentando a entreajuda e a autonomia, pelo envolvimento na organização do espaço. Além disso, a professora procurava sempre responder às necessidades dos alunos e colocar aqueles que tinham mais dificuldades junto dos que não tinham para existir ajuda e para que não desmotivassem. No entanto, muitos reclamavam pelas rotatividades constantes de lugar, pelo que a docente afirmava:

Professora 2: “Estas trocas quebram rotinas e estimulam a concentração, na medida em que muitas vezes os alunos começam a associar um determinado espaço à distração e falta de foco, promovem também a equidade e é mais fácil gerir os comportamentos”
(CM, dia 18 de abril de 2024)

O fator do ambiente limpo (as crianças ajudavam), acolhedor e bem iluminado (entrada da luz solar), também se considerou uma mais valia para o desenvolvimento cognitivo, pelo que proporcionava às crianças conforto e tranquilidade. Tudo isto facilitava na concentração, no bem-estar e na motivação para aprender. Muitas vezes a

professora colocava uma música calma de fundo e notava-se que o silêncio e concentração predominavam.

Não obstante, o ambiente da sala era esteticamente agradável com trabalhos expostos, o que valorizava o esforço individual e coletivo, fortalecendo o sentimento de pertença e autoestima.

No entanto os alunos sentiam necessidade de ter aulas noutros espaços, que não a sala de aula, na medida em que, a meu ver como a escola continha muitas salas com objetivos diferentes isso cativava mais as crianças a explorá-las. Realça-se que foram os alunos que ajudaram a preparar os materiais.

B23: “Gosto de ajudar a professora a preparar o ActivLab para atividades laboratoriais, é o meu espaço favorito.” (CM, dia 14 de maio de 2024)

Assim, durante o período de estágio, foram promovidas diversas atividades fora da sala de aula, respondendo à necessidade dos alunos de explorar novos contextos e aprender de forma mais prática e ativa. Estas experiências ocorreram em diferentes espaços escolares, nomeadamente no ActiveLab, onde foi realizada uma atividade experimental que envolveu a observação, manipulação e registo de fenómenos científicos. A mesma tinha como finalidade permeabilização do solo, tal como podemos verificar nas seguintes figuras.



Figura 28- Seleção e organização dos materiais

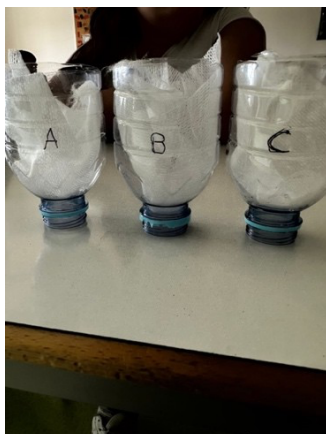


Figura 29- Realização da atividade experimental



Figura 30- Anotação dos resultados

Verificou-se que os alunos se mostraram motivados e participativos, demonstrando entusiasmo e envolvimento nas tarefas propostas. A mudança de espaço revelou-se igualmente benéfica para a concentração e o comportamento, uma vez que proporcionou um ambiente diferente, mais estimulante e adequado às suas necessidades de movimento e experimentação. As evidências recolhidas incluíram o interesse demonstrado nas observações, a colaboração entre pares, a formulação de hipóteses e o registo rigoroso dos resultados o que evidenciou aprendizagens efetivas e o desenvolvimento de competências científicas e sociais. Escutou-se várias expressões ditas por eles que demonstrou o entusiasmo na atividade desenvolvida:

B7: “Como o ActivLab é um espaço mais de cientistas aprendemos melhor a fazer experiências” (CM, dia 14 de maio de 2024)

B12: “Nunca tinha feito uma experiência assim! Agora percebo melhor como funciona o que aprendemos na aula.” (CM, dia 14 de maio de 2024)

B9: “Aqui parece que a escola é diferente, é mais divertida!” (CM, dia 14 de maio de 2024)

B20: “Aqui consigo pensar melhor, não é tão barulhento como na sala.”
(CM, dia 14 de maio de 2024)

B8: Podemos experimentar outra vez?” (CM, dia 14 de maio de 2024)

Destaca-se também a implementação do Plano Individual de Trabalho (PIT). Cada aluno dispunha do seu plano, onde registava as atividades a realizar durante a semana, acompanhando o seu próprio progresso. Este instrumento incentivava a autorregulação e a gestão do tempo, permitindo que cada criança tomasse consciência das suas aprendizagens e dificuldades. Eles é que organizavam e geriam o tempo e as atividades que desenvolviam no decorrer do dia. A docente acompanhava este processo, orientando e apoiando quando necessário, o que se refletia num desenvolvimento progressivo da autonomia dos alunos.

Professora 2: “Uma criança após terminar a sua atividade principal, consultou o PIT e decidiu autonomamente iniciar uma nova tarefa, neste caso de matemática- áreas e perímetros”

Realizou-se uma atividade na parte exterior, na medida em que para além de responder a uma necessidade deles, sentiu-se a necessidade de tornar a aprendizagem mais significativa e contextualizada, permitindo aos alunos aplicar, em contexto real, conceitos previamente abordados em sala, favorecendo a articulação entre a teoria e a prática. A escolha do espaço exterior teve como objetivo proporcionar aos alunos um ambiente mais dinâmico e estimulante, onde pudessem experimentar, medir e comparar dimensões reais, desenvolvendo competências de observação, raciocínio lógico e trabalho em equipa. Cada grupo foi responsável por medir zonas diferentes do recreio, canteiros, zona das árvores, entre outros. Como evidências do trabalho realizado, os alunos procederam ao registo sistemático das medições, nas quais foram anotados os valores obtidos, as unidades de medida e as estratégias adotadas. No momento de sistematização, cada grupo apresentou oralmente os resultados,

descrevendo os procedimentos seguidos e as dificuldades sentidas e as conclusões alcançadas.

Durante a atividade, observei que os alunos se mostraram entusiasmados, colaborativos e concentrados. Foram tirando algumas conclusões e discutindo alguns procedimentos, de conhecimentos previamente trabalhados:

B3: “Temos de começar no zero para a medida dar certa” (CM, dia 20 de maio de 2024)

B10: “B6, não te esqueças, perímetro é o contorno, logo somámos todos os valores que estão à volta.” (CM, dia 20 de maio de 2024)

B6: Olha esta zona é maior porque mede cinco metros e a outra é só 3.” (CM, dia 20 de maio de 2024)

B21: “Vamos medir outra vez para confirmar.” (CM, dia 20 de maio de 2024)

Demonstraram interesse em comparar resultados e em aplicar fórmulas matemáticas a situações concretas. Através do PIT, cada aluno registou os seus cálculos, reflexões e conclusões, permitindo uma autoavaliação do seu progresso. Esta ligação entre o plano individual e a prática no exterior favoreceu a autonomia e a autorregulação da aprendizagem, uma vez que cada aluno tinha objetivos próprios a cumprir e estratégias de resolução diferenciadas.

As evidências mostradas anteriormente confirmaram aprendizagens significativas: os alunos utilizaram corretamente instrumentos de medição, aplicaram fórmulas adequadas e demonstraram compreensão dos conceitos. Alguns comentários reforçaram o impacto positivo da experiência:

B1: “É mais fácil perceber o que é o perímetro quando medimos de verdade!”; (CM, dia 20 de maio de 2024)

B12: “Nunca pensei que o campo tivesse uma área tão grande!”; (CM, dia 20 de maio de 2024)

B4: “Gostei porque usamos a Matemática fora da sala, e fez mais sentido.” (CM, dia 20 de maio de 2024)

Apresento ainda algumas figuras que demonstram o processo e participação dos alunos.



Figura 31- *Medições no espaço exterior*



Figura 32- *Anotação das medições e comparação*

Esta atividade permitiu-me compreender a importância de diversificar os contextos de aprendizagem e de proporcionar experiências práticas que liguem a teoria à realidade. O trabalho no exterior, aliado ao uso do Plano Individual de Trabalho, revelou-se uma estratégia eficaz para consolidar aprendizagens, motivar os alunos e promover a autonomia e o pensamento crítico. Além disto, a interação entre alunos mostrou processos de autorregulação e validação de resultados, discutindo possíveis erros.

Consoante as sugestões dos alunos fez-se uma exposição/ maquete do Sistema Solar no hall do piso 1. Esta utilização assume particular relevância enquanto ambiente educativo, na medida em que tradicionalmente, entende-se apenas como um local de passagem, mas que posteriormente se transformou num espaço pedagógico ativo, onde a aprendizagem se torna acessível a todos. Tudo isto contribuiu para a criação de um ambiente estimulante, esteticamente cuidado e funcional, capaz de despertar a curiosidade, promover interações espontâneas e fornecer aprendizagens informais. A interação de outros alunos, professores e membros da comunidade, reforça a ideia de que a aprendizagem ultrapassa os limites da sala de aula e se estende a toda a escola.

B21- “ B24, tu já viste? Agora sempre que passar aqui vou me lembrar da ordem dos planetas.” (CM, dia 3 de maio de 2024)

B14- “Eu pintei a terra e ajudei no Sol, as cores estão parecidas”. (CM, dia 3 de maio de 2024)

B10- “Nunca pensei que ficasse tão bonito e que ficasse bem aqui.” (CM, dia 3 de maio de 2024)



Figura 33- Pintura dos elementos da maquete

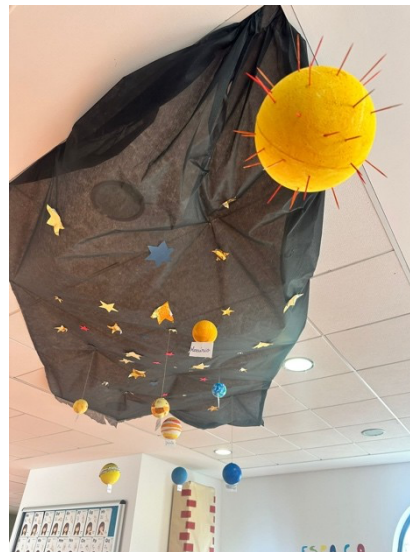


Figura 34- Maquete exposta

Destaca-se também que foi algo que derivou da necessidade de valorizar o ambiente educativo enquanto recurso pedagógico, reconhecendo que os espaços da escola influenciam as aprendizagens e o bem-estar dos alunos. Nota qu esta atividade fez com que houvesse envolvimento das crianças de forma ativa, promovendo metodologias mais participativas, que valorizem a cooperação e a construção do conhecimento partindo da ação.

Neste sentido a organização do ambiente educativo é crucial para a aprendizagem das crianças, pois um espaço amplo, bem estruturado e estimulante favorece a exploração, a autonomia e a interação entre pares. A relação positiva entre a professora e as crianças, marcada pela proximidade, atenção e disponibilidade para responder às suas necessidades, contribui para um clima de confiança e segurança

afetiva, essenciais ao desenvolvimento integral. Não obstante, a utilização do PIT, permite que o tempo seja organizado de forma flexível, respeitando o ritmo individual de cada criança e as dinâmicas do grupo. Além disso, a utilização de outros espaços além da sala de aula enriquece as experiências de aprendizagem, permitindo o contacto com diferentes contextos e recursos, o que amplia as oportunidades de descoberta e construção do conhecimento.

4.3. Discussão dos resultados

Os resultados evidenciam a importância do espaço educativo na promoção da autonomia e da aprendizagem ativa, tal como defende Silva et al. (2016). O espaço da sala de aula do 2.º ano era uma barreira que originava alguns constrangimentos à realização de atividades diversificadas, proporcionando descontentamento tanto da professora como dos alunos. No entanto, tal como nos afirma Oliveira-Formosinho (2011), o professor tem de se adaptar ao que lhe é fornecido e fazer as alterações possíveis para que isso não influencie de forma negativa o aproveitamento da turma. Nesse contexto, procurou-se introduzir alterações na organização do ambiente educativo, para que se promovessem mais dinâmicas de grupo e interações, o que se concretizou. Contudo, essa alteração de dinâmicas foi algo passageiro e que se notou ser difícil de executar mais vezes por gerar alguma confusão, devido a alguma falta de hábito em relação a essas dinâmicas por parte dos alunos. Além disso, o espaço físico dificultava a organização do mobiliário, condicionando a dimensão funcional, tal como descrita por Forneiro (2008). Esta dificuldade ajuda a explicar a menor frequência de trabalhos de grupo, evidenciando a relação direta entre a dimensão física e as possibilidades da utilização do espaço.

Dados estes constrangimentos de espaço, a forma utilizada para comparar os níveis de aprendizagem e interesse foi realizar uma atividade na biblioteca escolar, um espaço mais amplo e flexível, que ao olhar das crianças é algo diferente, gerando uma elevada motivação já que a contestavam bastante em sala. Esta atividade permitiu criar um ambiente mais confortável e propício à atenção e à participação, reforçando a ideia de que o ambiente educativo não se restringe apenas à sala de aula, podendo estender-se a outros espaços interiores e exteriores que potenciam as condições para aprendizagens significativas. Por isso, às vezes é necessário optar por um lugar diferente da sala de aula, para se perceberem diferenças nos alunos e mostrar que as opiniões dos alunos são ouvidas, na medida que foram eles que sugeriram várias vezes a realização de

atividades fora da sala de aula, por se sentirem limitados na sua execução num espaço mais reduzido. Toda a perceção de espaço revela a importância que Silva et al. (2016) atribui ao envolvimento dos alunos na organização e apropriação do ambiente educativo, reconhecendo a influencia no bem-estar, na autonomia e no funcionamento da turma. Estes resultados também reforçam a perspectiva de Forneiro (2008), que considera que o espaço é um elemento estruturante da ação pedagógica, capaz de facilitar ou limitar as aprendizagens e que não se restringe à sala de aula, podendo outros espaços interiores assumir um papel relevante (Ganhão, 2017). Evidencia-se também que existiu uma necessidade de ajustar os tempos das atividades, e esta ida à biblioteca implicou reorganização do tempo, para que fosse uma atividade mais tranquila e sem constrangimentos, indo ao encontro do que nos afirma Forneiro (2008) ao defender que o tempo deve ser gerido de forma articulada com o espaço e as atividades propostas.

Nesta sala, também se implementaram outras estratégias, como a exposição de trabalhos nas paredes da sala, aspeto que os alunos identificaram como uma necessidade. Tudo isto contribui para valorizar as produções dos alunos e reforçar o seu sentimento de pertença em relação ao espaço, influenciando de forma positiva a dimensão relacional do ambiente educativo. Forneiro (2008), com base no que foi descrito, considera que o espaço comunica mensagens e significados, pelo que a exposição dos trabalhos assume um papel mediador, na relação das crianças com o ambiente, promovendo envolvimento, reconhecimento e motivação.

Por sua vez, na turma do 4.º ano foi possível intervir de forma mais rápida e efetiva na disposição do espaço da sala de aula, reorganizando os lugares e atendendo as necessidades da turma, que sentiam necessidade de realizar também tarefas individualmente. Os alunos participaram ativamente no processo, contribuindo com sugestões relativas à disposição dos lugares e à forma como o espaço poderia responder às diferentes tarefas propostas. Este envolvimento traduziu-se também na gestão autónoma do ambiente, uma vez que os alunos passaram a reorganizar o espaço sempre que necessário e entenderam que a sua “voz” também tem poder de escolha e de sugerir. De acordo com Forneiro (2008), todas estas transformações são cruciais, na medida em que o espaço é um “professor silencioso” que estrutura comportamentos, promove interações e facilita processos de aprendizagem. Assim, ao deparar-se com um espaço mais flexível, é possível analisar que existe uma maior liberdade para experimentar, cooperar, e desenvolver estratégias próprias, indo ao encontro das

orientações de PASEO (Martins et al., 2017) que valoriza a importância de contextos que favorecem a autonomia e a participação ativa.

Neste contexto realçam-se também as atividades realizadas no exterior, como foi o caso da construção de um relógio de sol, uma vez que estas reforçaram ainda mais a importância do ambiente enquanto promotor de aprendizagens. Tal como refere Bronfenbrenner (1991), verificou-se uma relação dinâmica entre o aluno e o meio, em que ambos se influenciam mutuamente e que estes espaços promovem desafios e estímulos que completam o trabalho desenvolvido no interior (Oliveira-Formosinho, 2011). Importa realçar que foi preciso ter em atenção o intervalo de tempo para a realização da atividade, na medida em que esse espaço está muita vez ocupado pelas crianças de pré-escolar, tendo por isso sido importante planejar a altura do dia para a sua realização.

Assim, é possível verificar uma diferença entre ambos os contextos e que as crianças devem compreender o espaço onde estão inseridas e os seus materiais, sendo importante participar na sua organização e gestão de modo a desenvolver autonomia (Fragoso, 2020). Além disto, a aprendizagem só ocorre se existir planeamento da organização do ambiente educativo, favorecendo o bem-estar e o desenvolvimento nos

5. Considerações finais

O presente estudo permitiu compreender o modo como o ambiente educativo influenciou o processo de ensino-aprendizagem em dois contextos do 1.º Ciclo do Ensino Básico, bem como o modo como as crianças se envolvem na sua organização.

A análise dos contextos observados evidenciou que o envolvimento das crianças na organização do ambiente educativo ocorre de forma gradual e contextualizada, sendo condicionado pelas características físicas do espaço, pelas dinâmicas do grupo e pela intencionalidade pedagógica do professor. Verificou-se que mesmo em contextos com limitações espaciais, os alunos demonstraram capacidade para identificar constrangimentos, propor alterações e participar em decisões relacionadas com o ambiente educativo, contribuindo para o desenvolvimento da autonomia, sentido de pertença e da responsabilidade.

Relativamente aos contributos do ambiente educativo, na sala de aula e noutros espaços da escola, interiores e exteriores, para a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos, conclui-se que o ambiente atua como mediador fundamental da aprendizagem. Um ambiente organizado, funcional e flexível favorece a interação, a participação ativa e o acesso autónomo a materiais. Para além disso, a utilização de outros espaços, amplia oportunidades de aprendizagem permitindo experiências diversificadas, interdisciplinares e contextualizadas. Estes contextos contribuem ainda para o desenvolvimento do sentido de pertença, na medida em que os alunos se reconhecem nos espaços que habitam, valorizam as suas produções e sentem-se como parte integrante da comunidade educativa, o que reforça a motivação, a responsabilidade e o compromisso com a aprendizagem.

Em síntese, o ambiente educativo quando pensado de forma intencional, planeada e participada, influencia diretamente o envolvimento dos alunos e a qualidade das aprendizagens e do bem-estar, sendo o papel do professor determinante na mediação do espaço e dessa participação.

6. Reflexão final

Nesta última secção do relatório de estágio pretendo refletir sobre o meu percurso de formação no mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB, mencionando o desenvolvimento pessoal e profissional.

Finalizar uma reflexão de um percurso de dois anos torna-se desafiante, recorda-se todas as memórias, experiências e conhecimentos adquiridos. Com isto, posso constatar que a Escola Superior de Educação de Santarém foi casa durante dois anos, cresci a nível pessoal e profissional, tive momentos muito bons e outros menos bons, que consigo recordar de sorriso no rosto. As UC presentes no plano de estudos foram cruciais, na medida em que me forneceram as estratégias e metodologias de ensino necessárias para a minha prática educativa futura, sendo só possível graças às excelentes docentes que nos levam mais além do conhecimento teórico e que diariamente fazem pensar que ser professor é uma profissão enriquecedora. Destaco que aprendi com os erros, procurei sempre melhorar dia após dia, mantendo-me sempre focada no principal.

No que concerne aos contextos de estágio sinto que estes devem ser destacados, na medida em que estes, tal como Kolb (1984) menciona, são processos fundamentais na formação profissional, na medida em que ajudam na aquisição de conhecimentos teóricos em contextos práticos. Neste sentido, as minhas experiências enquanto estagiária foram marcadas por muitos momentos felizes e de grande aprendizagem, mostraram-me a forte ligação entre componente prática e teórica e aprofundaram o meu gosto por educar e lecionar. Ao longo deste percurso, a possibilidade de contactar com as diferentes valências em vários contextos educativos, revelou-se um dos aspetos mais enriquecedores da minha formação, permitindo que compreenda que a prática educativa não é uniforme e que é influenciada pelo meio, pelas características das crianças/ alunos, pelas equipas educativas e pelas orientações pedagógicas de cada instituição. Tudo isto fez com que desenvolvesse uma visão mais ampla e integrada de todo o processo educativo, promovendo uma maior capacidade de refletir, observar, decidir e adaptar. Em cada contexto foram visíveis desafios diferentes, desde a escassez de materiais, aos comportamentos dos grupos/turmas, as planificações que por sua vez obrigavam-me a relacionar com os conhecimentos teóricos. Além disto, estes estágios reforçaram a importância do trabalho colaborativo com outros profissionais, ajudando a compreender diferentes organizações de trabalho,

bem como métodos, o que me permitiu construir uma identidade mais consciente, crítica e fundamentada.

No entanto, também posso evidenciar que durante estas quatro Práticas de Ensino Supervisionado, tive algumas dificuldades e enfrentei desafios, nomeadamente na gestão do tempo, do grupo (mais concretamente a sua diversidade) e de carácter mais emocional. No que concerne ao tempo, aquele que estava previsto para a realização das atividades revelou-se insuficiente, uma vez que os alunos necessitavam de mais momentos de exploração, esclarecimento de dúvidas e consolidação das aprendizagens. Referente ao grupo, a dificuldade sentida foi tentar responder às necessidades de todos, acompanhar os ritmos de aprendizagem distintos e conseguir controlar o grupo quando existiam lacunas ao nível comportamental. Por fim, a parte emocional, que está associada à insegurança, ao medo de errar e à construção da minha identidade enquanto futura docente. Embora tudo isto tenha servido de aprendizagem, ao longo do tempo fui encontrando estratégias para colmatar estas dificuldades, muito através das dicas das docentes cooperantes.

Friso também que o apoio dos professores cooperantes e dos supervisores, bem como da minha colega de estágio foram cruciais para me desenvolverem a nível pessoal e profissional, tal como Borges (2014) defende o diálogo e a partilha de saberes devem ser aliados, na medida em que ambos têm um valor fundamental para o progresso. Em conformidade com isto pretendo sempre valorizar o trabalho em equipa, na confiança que se deve depositar ao outro e na entreatajuda para que o sucesso seja garantido, para nós enquanto professores (ou futuros) e para os alunos/crianças.

No que respeita ao processo investigativo, considero que o tempo de PES seja reduzido, tornando a componente do estudo mais limitado, sentindo que esse foi um obstáculo a superar. Contudo, pude refletir consoante a minha temática que a organização do ambiente educativo se revelou um elemento central na aprendizagem das crianças, assumindo um papel determinante na qualidade das interações, no envolvimento das atividades e no desenvolvimento da autonomia. Estas experiências reforçaram o equilíbrio entre as diferentes formas de organização do trabalho pedagógico, promovendo a autonomia individual e a aprendizagem colaborativa. Face a algumas limitações sentidas nas salas, as realizações das atividades fora da sala de aula assumiram um papel relevante, mostrando serem eficazes para diversificar as experiências de aprendizagem, promover movimento, exploração e interação social, bem como ultrapassar possíveis constrangimentos físicos do espaço interior (sala de

aula). Assim, posso refletir que tudo isto permitiu-me reconhecer que a qualidade das aprendizagens está intimamente ligada à maneira como o ambiente educativo é pensado, organizado e utilizado, tendo de ser flexível e intencional.

Em síntese, as experiências vivenciadas, os desafios enfrentados contribuíram de forma significativa para uma postura mais investigativa e preparando-me para enfrentar, de forma mais segura e consciente os obstáculos da prática educativa futura. Considero, assim, que este percurso me preparou para assumir, de forma responsável e fundamentada, o exercício da profissão, comprometendo-me com a criação de ambientes educativos que promovam aprendizagens significativas e o desenvolvimento integral de todas as crianças.

7. Referências

- Alves, S. (2012). *Brincar e aprender no espaço exterior*. [Relatório Final em Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico]. Universidade de Aveiro.
- Arends, R. I. (2008). *Aprender a Ensinar*. Editora McGraw-Hill, 7.ª ed.
- Bassedas, E., Huguet, T., & Solé, I. (1999). *Aprender e ensinar na educação infantil*. Artmed
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto Editora.
- Bronfenbrenner, U. (2002). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. 2.ª Edição, Artmed.
- Brunheira, L. (2000). *O conhecimento e as atitudes de três professores estagiários face à realização de actividades de investigação na aula de matemática* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa]. Repositório Institucional da Universidade de Lisboa.
- Cardona, M. J. (1999). O espaço e o tempo no jardim de infância. *Pro-posições*, 10(1), 132-138.
- Cardona, M. J. (2007). A avaliação na educação de infância: as paredes das salas também falam! Exemplo de alguns instrumentos de apoio. *Cadernos de educação de infância*, 81, 10-15.
- Cavadas, B. & Correia, M. (2020). Concepções dos professores sobre Ambientes Educativos Tradicionais e Ambientes Educativos Inovadores. *Revista internacional de formação de professores*, 5,1-21.
- Colaço, S., Piscalho, I., Correia, M., Pappámikail, L., Silva, P. S., Novo, C., Portelada, A., Uva, M. (2022). *Conjunto de Materiais: Educação Inclusiva. Módulo 5: Ambientes de Aprendizagem Inclusivos*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*, 355- 379.
- Coutinho, C. P. (2011). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Almedina.
- Coutinho, A. S., Day, G., & Wiggers, V. (2012). *Práticas Pedagógicas na Educação Infantil: Diálogos possíveis a partir da formação profissional*. Nova Harmonia.
- Cortesão, L., & Stoer, S. (1997). Investigação-acção e a produção de conhecimento no âmbito de uma formação de professores para a educação inter/multicultural. *Educação, Sociedade & Culturas*, 7, pp. 7- 28.
- Erol, M. (2020). Primary school teachers' views on the integration of sustainable development into learning. *Education*, 55, 71–81.
- Espadilha, S. (2017). *Envolvendo-me na natureza posso brincar, aprender e crescer? - Um estudo sobre a importância do espaço exterior no jardim de infância*. [Relatório de Prática Profissional Supervisionada. Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Lisboa.

- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes. Uma estratégia de formação de professores*. (4.ª Ed.). Porto Editora.
- Filipe, S., Silva, B., & Gomes, A. (2021). Perspetivas sobre a participação da criança no ambiente educativo. *Revista de Estudios e Investigación en Psicología y Educación*, 8(1), 57-75
- Formosinho, J. (2011). *O Espaço e o Tempo na Pedagogia-em-Participação*. Porto Editora.
- Formosinho, J., & Machado, J. (2018). Do Ensino Primário à Educação Básica: a progressiva extensão da lógica uniformizadora (1997-2018). *Medi@ções*, 6(1), 5-29.
- Forneiro, M. (2008). Observación y evaluación del ambiente de aprendizaje en educación infantil: dimensiones y variables a considerar. *Revista iberoamericana de educación*, 47, 49-70.
- Fragoso, A. R. R. (2020). *O papel do educador e do professor na promoção da autonomia nas crianças em contexto educativo* [Relatório de Estágio, Mestrado]. Instituto Politecnico de Santarem.
- Ganhão, A. (2017). *Brincar sem teto: A Importância do Espaço Exterior na Creche e no Jardim de Infância*. [Relatório de Mestrado em Educação Pré-Escolar]. Escola Superior de Educação. Instituto Politécnico de Setúbal.
- Gayle, B., Cortez, D., & Preiss, R. (2013). Safe Spaces, Difficult Dialogues, and Critical Thinking. *International Journal for the Scholarship of Teaching and Learning*, 7(2), Article 5.
- Hamido, G., & Azevedo, N. (2013). Investigar em educação: reflexões e perspetivas multidisciplinares. *Revista Interações*, 9(27).
- Hohmann, M., & Weikart, D. (2004). *O mundo da criança*. (3-ª ed.). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Kolb, D. A. (1984). *Experiential learning: Experience as the source of learning and development*. Prentice-Hall.
- Kokko, A. K., & Hirsto, L. (2021). From physical spaces to learning environments: processes in which physical spaces are transformed into learning environments. *Learning Environments Research*, 24(1), 71-85.
- Lino, D. (2014). *A qualidade do contexto na educação de infância perspetivada através da escolha e do envolvimento*. *Nuances*, 25 (3), 137-154.
- Louseiro, M. (2005). O Diário Profissional como instrumento de aprendizagem. *Escola Moderna n.º 24*, (5ª série), pp. 14-30.
- MacNaughton, G., & Hughes, P. (2009). *Doing Action Research in Early Childhood Studies: a step by step guide*. MacGrawHill.
- Ministério da Educação/ Direção Geral de Educação, (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. M.E/DGE.
- Niza, S. (1998). A organização social do trabalho de aprendizagem no 1.º Ciclo do Ensino Básico. *Inovação*, 11(1), 77-98.

- Oliveira-Formosinho, J. (2007). A Contextualização do Modelo Curricular High – Scope no Âmbito do Projecto da Infância. In J. O. Formosinho, D. Lino, & S. Niza, *Modelos Curriculares para a Educação de Infância Construindo uma Práxis de Participação* (pp 43-88). Porto Editora.
- Oliveira-Formosinho, J., & Andrade, F. F. (2011). O Espaço na Pedagogia-em Participação. In J. Oliveira-Formosinho (Org.), *O Espaço e o Tempo na Pedagogiaem-Participação* (pp. 9-70). Porto Editora.
- Ponte, J. P. (2002). *Investigar a nossa própria prática. In GTI (Org), Reflectir e investigar sobre a prática profissional* (pp. 5-28). APM.
- Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.
- Teixeira, M. T. & Reis, M. F. (2012). A organização do espaço em sala de aula e as suas implicações na aprendizagem cooperativa. *Meta: Avaliação*. 4(11),162-187.
- White, J. (2011). Capturing the difference. In J. White (Ed.), *Outdoor Provision in the Early Years* (pp. 12-22). Sage Publications, Ltd.
- Zabalza, M. (2005). *Didáctica da Educação Infantil*. Edições ASA

Anexos

Anexo 1- Diários de bordo

I- 9 de maio de 2023- Instrumentos veterinários

O grupo encontra-se sentado na área de grande grupo (tapete) a discutir a importância do cuidado pelo outro, nomeadamente pelos animais. A Estagiária Carolina questiona quem tem animais de estimação e se cuidam deles. Verificou-se respostas positivas e entusiasmo por parte do grupo em questões de saúde animal.

Perguntou-se se alguma vez tinham ido a um consultório animal, veterinário, muitos responderam que sim, enumerando alguns instrumentos: pinças; raio x, vacinas, ligaduras, pensos, soro.

Realizou-se uma atividade de encontrar utensílios veterinários, não pintando os intrusos, sugerindo questões referentes ao computador:

“Carolina, este não é, os veterinários usam máquinas, não computadores”

“ Usam sim, C10, os médicos usam para escrever o que os animais doentes têm”

As estagiárias foram acompanhando os grupos, pedindo que depois colassem e recortassem esses instrumentos, mencionando que iriam realizar um cartaz sobre esses instrumentos.

Foi notório o entusiasmo, encontraram instrumentos que não se lembravam e perceberam as semelhanças com o ser humano.

Posteriormente questiona-se a opinião de construir uma nova área na sala de aula, neste caso um consultório veterinário.

“Não vai dar, a sala é tão mini” - C3

“Dá sim! Acho que na Área da Casinha ficava mais bonito” - C2

“Esquece, não porque a casinha já tem muitas coisas C2!, onde íamos guardar os bebés. C1

“Educadora, podemos tirar um móvel!” C2

E: Convém ser um espaço diferente da casinha! Estamos a adicionar uma área nova.

Fez-se uma votação e ficou na entrada da sala:

C7: Carolina, assim as outras salas veem logo a nova área”

C4: Aí é mais bom, quando chegamos à sala vamos logo para lá brincar”.

Carolina: Olhem as regras!

E: E: “Lembrem-se que terá regras como as outras áreas!”

No cartão de aprendiz veterinário, não correu muito bem, visto que nem todos entenderam logo o pretendido e não desenharam o autorretrato.

C7- fez o seu gato em vez do seu rosto.

II- 10 de maio de 2023- Execução das camas dos animais

Durante a reunião da manhã, selecionou-se materiais, sendo que já se tinham arranjado caixas de madeira, as crianças selecionaram apenas as tintas: azul, verde, vermelho, amarelo. Eles decoraram como entenderam, sendo que preferiram misturar cores.

Posteriormente, muitos começaram a elaborar as camas (caixas de madeira) , foi se alternando com o cartão de aprendiz. Notou-se que a maioria não queria terminar o cartão e queria prosseguir para as camas.

Tiveram de discutir as quantidades, como estariam decoradas e o local onde se colocariam.

C2: “Este espaço é mini, por isso, só cabem duas camas”

E:”. Muito bem C2, conseguiste ter noção do espaço!”

C4: “Sim e não temos muitos animais na sala.”

C12:” Mas uma das camas pode ter mais do que um”

E: “Normalmente num hospital cada cama só pode ter um paciente!”

Terminou-se o cartão de aprendiz e deixou-se a secar, o resultado ficou como era esperado.

III- 16 de maio de 2023- Caça ao tesouro e organização do consultório

Durante o primeiro momento da manhã realizou-se uma caça ao tesouro, onde se esconderam vários materiais, para que a criança os pudessem encontrar e mais tarde completar a nova área da sala. Notou-se ânimo e competitividade para ver quem encontrava mais materiais. Várias crianças questionaram se estes materiais iriam para o consultório pelo que posteriormente todas deduziram que sim.

Na parte da tarde procedeu-se à organização dos materiais bem como do cantinho, foram sugeridas localizações dos objetos e foi se percebendo se efetivamente aquele seria o local certo. Foram questionando quais as regras do espaço, como o número de

ocupantes, se podiam brincar de forma livre, usar sempre todos os materiais e quais os utensílios em falta.

C4: “Precisamos de um computador para escrever os nomes dos animais!”

C10: “Os donos dos animais têm de esperar na sala de espera!”

C20: temos de arranjar lençóis para os tapar”

IV- 15 de novembro de 2023- Limitação do espaço

A sala do 2º ano apresenta uma enorme limitação, na medida em que se trata de uma sala comum tamanho muito reduzido. Vão se escutando alguns comentários que demonstram a escassez de espaço para arrumar algumas coisas. Uma criança afirmou:

A7: “Professora já não me cabe mais nada e só tenho os livros, onde posso colocar este novo caderno”.

Destaca-se que este caderno foi para o lugar dos materiais suplentes, o que poderia gerar alguma dificuldade posteriormente, em termos de organização.

A professora foi referindo que é necessária esta sala ser utilizada apenas para arrumos e não para espaço de sala de aula visto que não tem tamanho suficiente para tal, nem armários suficientes para tanto aluno.

V- 27 de novembro de 2023- Desagrado nos lugares

O dia iniciou-se com a leitura silenciosa de 10 minutos. De seguida os alunos abriram o livro de matemática e introduziu-se as noções de lateralidade. As crianças começam a ficar mais agitadas, na medida em que faltava pouco tempo para a hora do lanche. A A14 não consegue estar concentrada porque cada vez que alguma criança passava por trás da mochila dela, devido ao espaço reduzido, esta caía.

A14: “A minha mochila está sempre a cair, precisamos de colocar todas no canto da sala.

Professora: Parece-me uma boa opção, sinto que isso vos anda a distrair”

No período da tarde a professora leu-lhes uma história e foi observado um nível de desconcentração essencialmente entre quatro alunos:

A13 e A15 não param de brincar com a borracha e a mochila de A14 está sempre a cair porque A3 só manda pontapés; A1 interrompe e pede para ir à casa de banho”

Partindo deste momento notou-se o nível de desconcentração e as limitações que o espaço da sala tem, estavam todos a tocar uns nos outros e a distraírem-se por estarem tão perto.

VI- 29 de novembro de 2023- Desagrado nos lugares

Toda a turma estava a efetuar resoluções problemáticas em trabalho a pares, algo que gerou alguma confusão porque alguns não se estavam a entender. Na primeira mesa junto ao quadro interativo e ao lavatório, uma das crianças estava a sentir muita dificuldade em organizar o seu espaço de trabalho, estava constantemente a soprar, porque sentia que estava a escrever de forma torta no caderno e não tinha espaço para nada. Cito uma das frases que ela disse:

A10: “Professora, a minha bolsa vai ter de estar ao meu colo não tenho espaço para colocar o meu caderno direito porque a mesa do A14 está colada à minha.

Nota que esta criança é extremamente organizada e já tinha referido várias vezes que adorava estar numa mesa individualmente.

VII- 30 de novembro de 2023- Escuta da história na biblioteca

Os alunos dirigiram-se à biblioteca, local onde a maior parte gostava de estar, pelo espaço em comparação à sala de aula.

Comecei por ler a história, sendo que existia alguns roídos de fundo e algumas distrações com os livros que ali se encontravam.

***A16: “Professora o A20 não para de mexer nos livros e não está a ouvir”
Professora(estagiária) : Enquanto se houve uma história não se deve interromper, não se esqueçam das regras de espaço da biblioteca”***

Muitas crianças participaram nas perguntas do pós-leitura, sentindo-se um interesse enorme e notando o facto do espaço diferente ter ajudado nisso. Os comentários foram positivos, sugerindo uma nova leitura.

A16: “Pode ler de novo? Aqui ouvimos melhor”

A2: Eu adorei esta atividade, na verdade, eu adoro mudar de sala”.

Após este momento que lhes deu alguma motivação extra, regressou-se à sala para realizar uma tarefa a pares, cada um escolheu o seu lugar, bem como o seu par. Alguns gostaram do novo lugar, ainda que temporário, mas outros preferem o lugar inicial:

A16: “Nunca pensei ficar mesmo cá a frente, acho que continuo a preferir o meu outro lugar”.

VIII- 5 de dezembro de 2023- Alterações de lugares

Quando cheguei à sala senti que como a atividade era em grupo, poderia ser a altura ideal para fazer alterações. Questionei à professora cooperante e esta afirmou:

“Movimentar o mobiliário ajuda a adaptar o espaço à atividade, melhorando os resultados, no entanto, raramente o fiz pela logística que exige e sendo sozinha em sala é mais difícil.”

Então, colocou-se a sala com a disposição de ilhas, os alunos realizaram em grupos uma cópia do texto que escrevem na aula passada, mas agora em computador sobre a história escutada na biblioteca.

Posteriormente todos quiseram apresentar o que escreveram a computador.

IX- 7 de dezembro de 2023- Gráficos de barras

Realizou-se a tarefa dos gráficos, havendo algumas dificuldades em entender como se construía e o facto de só poderem votar uma única vez, muitos não a realizaram com o rigor que era pretendido.

No entanto, senti que estes poderiam estar expostos, na medida em que quase nenhum se encontrava. Sendo perceptível o agrado de todos eles ao verem e comentarem os trabalhos uns dos outros.

A1: “Agora vamos ter sempre os nossos trabalhos à mostra?”

A15: “Não, não há espaço, devem ser só alguns!”

A12: “Adoro ver como o meu gráfico, ficou perfeito!”

A9: “Nem contornaste a caneta A12”

X- 15 de dezembro de 2023-Cartazes

Para finalizar o projeto, criou-se dois grupos e elaborou-se dois cartazes intitulados de “Sabendo que não estamos sozinhos no mundo, o que podemos fazer para o mudar?”. As crianças desenharam e escreveram aquilo que consideravam pertinente segundo a temática que viria a ser desenvolvida ao longo destas semanas. No entanto, esta atividade demonstrou, mais uma vez, a dificuldade que esta turma tem em fazer dinâmicas de grupo, pelo que não conseguiam organizar nem dividir tarefas.

Muitos implicavam com o lugar onde colocavam a cadeira ou o sítio onde o grupo estava a trabalhar:

A2: “O quadro está logo aqui como é que posso meter a cadeira, não vejo nada, não quero fazer”

A12: “ A3 não coloques aí as tuas canetas, não temos espaço!”

A3: Por favor, chega-te mais para o outro lado não consigo ver nada do que o A6 está a fazer”

Embora seja notável que outros estejam mais calmos e pacientes e vão demonstrando algumas soluções.:

A10: “Troca comigo agora cinco minutos e fazes a parte das letras, assim participas”

A1: Tem calma, todos vamos participar, ficas responsável por pintar o desenho”.

Após a realização desta atividade, resolvi colocar os cartazes expostos na biblioteca, de modo a eles verem que os seus trabalhos também se encontraram lá expostos. Chamei a turma e foram comigo expô-los e assim poderem comentar e perceber o sucesso dos mesmos.

A7: “Vês como eu adoro a biblioteca, tem todos os trabalhos bonitos da escola.”

A10: “Sim, A7, a nossa sala podia ter mais, breve é Natal podíamos ter.”

A7: “Muda sempre na biblioteca”

XI- 15 de abril de 2024- Desagrado dos lugares

A manhã iniciou-se com o exercício de leitura silenciosa de 10 minutos. De seguida realizaram algumas situações problemáticas com os seus grupos. Notou-se confusão na medida em que, todas as segundas havia alterações nos lugares e muitos não estavam habituados ao método de trabalho daqueles colegas de grupo.

B2, B4, B8, B10, B15, B22, estavam em constante confusão e não conseguiam chegar a um consenso no que diz respeito à resolução do problema, dizendo que seria impossível. B2 queixava-se que nenhum dava uma resposta e que alguns só brincavam, solicitou se poderia realizar o mesmo sozinho.

B2: “Não gosto muito quando fazemos trabalhos de grupo há sempre confusão.”

B4: “Não gosto de estar sempre a mudar de lugar”

Os restantes grupos também iam mostrando algum desagrado e solicitavam fazer atividades individuais.

XII- 22 de abril de 2024- Alteração da sala- Banda Desenhada

Após ouvir um constante desagrado pelos trabalhos em grupo constantes, resolvei fazer algumas alterações na sala, com o consentimento dos alunos e sendo eles a colocarem as mesas consoante preferiam. Foram alterações temporárias. Nem todos ficaram sozinhos numa mesa, porque não tínhamos mesas suficientes.

Escutaram-se sugestões:

B2: “O B7 tem que ficar mais perto da porta para ir a casa de banho, por causa do problema dele”

B12: “Oh B3, tu tens que ficar sozinho deixas sempre tudo desarrumado”

Os alunos B2 e B7 afastaram e colocaram em filas com a nossa ajuda. Todas separadas. B14 e B20 juntam-se e fazem a mesma tarefa, pouco tempo depois todos

ajudam e colocam sugestões, sendo que 3 crianças ficam apenas a observar e perguntam se nunca mais irão realizar tarefas de grupo.

A sala passou a ter: 3 filas com 6 mesas separadas entre si e todos se sentaram onde entenderam, o aluno B7 ficou na última fila perto da porta devido ao seu problema de saúde.

Posteriormente, conversou-se sobre a importância do Sol na vida na Terra e como é que a luz solar é produzida.

Estagiária: “ O que conseguimos ver no céu noturno?

B25: “A Lua e as estrelas”

Estagiária: Então mas o que é a Lua?

B24: “ Um planeta”

B18: “Um satélite”

Estagiária: Será que podemos viajar até à Lua? E ao Sol?

B16: Só até à Lua, como os americanos! O Sol ia queimar”

...

Derivado desta alteração, os alunos produziram uma banda desenhada como tarefa individual. O tema seria “Uma ida à Lua”. Foram sempre colocando questões ao longo da mesma, tendo algumas dificuldades na sua execução porque não se lembravam dos constituintes da mesma. Após a execução eles apresentaram para a turma, deram opiniões e mostraram uma atitude reflexiva.

XIII- 30 de abril de 2024- Vídeos- Dia do Trabalhador

O Dia do Trabalhador será no dia seguinte, por isso explicou-se o facto de existirem pessoas responsáveis por editar vídeos e apresentar programas. As crianças foram entendendo que eram necessárias pessoas especializadas para tudo.

B3: “Só assim é que há evolução, professora Carolina”.

B24:” Isso está relacionado com o dia de amanhã!”

B12: “Para saber isso há cientistas!”

B7: Fácil, alguém que trabalha nos vídeos teve que os fazer!”

Posteriormente, assistiram a 3 vídeos e tiveram de responder a duas questões que se incidiam sobre o que já sabiam e aquilo que aprenderam. Tendo a maioria respondido que sabia o que era um telescópio e um astronauta, mas que puderam aprender como funcionava uma estação espacial e qual a função dos técnicos da mesma.

B2: Professora, uma estação espacial é quase uma casa?

B16: B7, queres saber se existem mais planetas? Eu também”

XIV- 2 de maio de 2024- Maquete Sistema Solar

De modo a realizar uma maquete as crianças teriam de pintar em grupos os planetas do sistema solar, consoante imagens que lhes eram fornecidas, para terem mais ou menos uma ideia de como é na realidade. Todos participaram e o resultado foi fantástico, estavam idênticos.

Posteriormente tal como é habitual, as crianças têm a autonomia de irem arrumar os materiais e limpar, visto que usaram tintas.

B14: “Já terminei de pintar o meu planeta, vou limpar os materiais e arrumar, ok professora?”

Professora2: “Claro, não te esqueças de os deixar a secar?”

B14: Só amanhã é que arrumo no pote”

Posteriormente, sucedeu-se uma apresentação em grande grupo sobre cada um dos planetas para que todos pudessem dar opiniões.

Primeiramente, pensou-se em apenas deixar exposto na sala de aula estes planetas, depois entendeu-se que era do agrado deles expor na escola, mas precisamente no interior para que toda a comunidade escolar tivesse acesso. Assim, envolveu-se as crianças na exposição desta maquete do sistema solar.

XV- 3 de maio de 2024- Montagem da Maquete Sistema Solar

Toda a turma participou na execução da exposição, a mesma foi realizada no período da tarde, para que quando saíssem (as outras turmas) pudessem se deparar com a exposição do sistema solar elaborada pelo 4ºano. O feedback foi:

B21-“B24, tu já viste? Agora sempre que passar aqui vou me lembrar da ordem dos planetas.”

B14- “Eu pintei a terra e ajudei no Sol, as cores estão parecidas”.

B10- “Nunca pensei.

XVI- 9 de maio de 2024- Relógio de Sol

Além da maquete realizou-se um relógio de Sol no exterior, para que fosse para o uso da comunidade educativa. Este foi construído na parte exterior da instituição, perto do campo de jogos, com giz e tintas. Estavam a ser abordados os conteúdos como ângulos, astros e as sombras).

Ao longo da dinâmica as crianças foram tentando perceber a utilidade, sentindo alguma dificuldade na sua elaboração visto que é uma temática que causa algumas questões. Foram elas quem escolheu o sítio e as cores.

B2 e B19 conversam e afirmam que os colegas das outras salas vão ficar surpreendida porque o 4º ano pintou o recreio como já tinha feito do outro lado.

B12: “Professora, isto está mesmo giro, só acho difícil os meninos da pré entenderem”

B1: “Eles ainda não sabem ver as horas, não te preocupes isto para eles é só uma decoração nova”

B10: “Já viram que tanta gente vai poder saber as horas? Com algo no chão”

B1: “Nós mudamos a escola e o recreio!”

B20: “Fiquei curioso para saber como o Sol faz mexer a sombra”

B1: “Meninos o sol até é importante para marcar o tempo”

B22: “Quando formos embora todos se vão lembrar que foi a nossa turma que fez”

A turma mostrou interesse e sentido de pertença, preocupando-se com a restante comunidade.

XVII- 14 de maio- Atividade experimental no Activ Lab

Derivando da necessidade de ter aulas noutras locais sem ser a sala de aula, realizou-se uma atividade no Activ Lab. Em que os alunos ajudaram a preparar os materiais e a organização da sala. Assim, realizou-se uma atividade experimental que consistia na explicação para a permeabilização do solo. Os alunos apontaram os resultados no manual e foi-se discutindo os resultados bem como explicações científicas para que isso aconteça. No final foi se questionando o que acham de atividades experimentais fora da sala, na medida em que tínhamos realizado uma sala e notou-se diferença.

B7: “Como o ActivLab é um espaço mais de cientistas aprendemos melhor a fazer experiências”

B12: “Nunca tinha feito uma experiência assim! Agora percebo melhor como funciona o que aprendemos na aula.”

B9: “Aqui parece que a escola é diferente, é mais divertida!”

B20: “Aqui consigo pensar melhor, não é tão barulhento como na sala.”

B8: Podemos experimentar outra vez?”

XVIII- 20 de maio de 2024- Áreas e Perímetros:

Através da consulta do PIT, uma das atividades fornecidas seria a medição e anotação de locais dos espaços exteriores. Assim, dirigiram-se em grupos e foram anotando os resultados obtidos, discutindo ao longo do processo conhecimentos previamente abordados:

B3: “Temos de começar no zero para a medida dar certa”

B10: “B6, não te esqueças, perímetro é o contorno, logo somámos todos os valores que estão à volta.”

B6: Olha esta zona é maior porque mede cinco metros e a outra é só 3.”

B21: “Vamos medir outra vez para confirmar.”

Foi notório o empenho na execução e a comparação que foram fazendo quando regressavam à sala.

B1: “É mais fácil perceber o que é o perímetro quando medimos de verdade!”;

B12: “Nunca pensei que o campo tivesse uma área tão grande!”;

B4: “Gostei porque usamos a Matemática fora da sala, e fez mais sentido.”

Aplicaram fórmulas adequadas e demonstraram compreensão de conceitos. Além disto, foram questionando porque é que não tinham sempre aulas na rua, pelo que se respondeu pelas condições que nem sempre são indicadas para todas as atividades.

ANEXO 2 – Entrevista 1, Análise de conteúdo da entrevista à Educadora de JI:

| Blocos Temáticos | Categoria | Subcategorias | Exemplos de Unidades de Registo (UR) | Número de UR | Número de Sujeitos |
|--|---|----------------------|---|---------------------|---------------------------|
| Caracterização do/a entrevistado/a | Percurso profissional | Motivo de escolha | <p>“ Desde pequena que sempre sonhei em ser professora”</p> <p>“ Mais tarde entendi que a minha vocação seria apenas para educadora visto comecei a perceber a importância que a educação tem nos primeiros anos de vida”</p> | 2 | 1 |
| | | Modelo Pedagógico | <p>“ Não sigo nenhum modelo porque vou de encontro com os interesses e necessidades das crianças”</p> | 1 | 1 |
| Perceção da Educadora relativamente à Organização do | Conceito de organização do ambiente educativo | Ambiente educativo | <p>“(…) forma como a equipa educativa divide o espaço envolvente onde estão inseridas as crianças.”</p> <p>“(…) Realço o ambiente da sala uma vez que valorizo bastante as áreas serem estruturadas, servindo de base para estabelecer segurança”</p> <p>“ As áreas devem ser adaptadas e flexibilizadas”</p> | 3 | 1 |

| | | | | | |
|--|-------------------------|--|--|----------|----------|
| Ambiente Educativo | | Elementos constituintes do ambiente educativo | “ Rotinas, organização da sala, do espaço exterior e os recursos humanos” | 1 | 1 |
| | | Integração do ambiente educativo no planeamento pedagógico | “ Integro, porque considero fundamental observar as características grupo, dos recursos disponíveis, as relações entre os envolventes e os espaços físicos.” “Ajuda-me a definir objetivos realistas” | 2 | 1 |
| Perceção do/a educador/a em relação à participação da criança na organização do ambiente educativo | Situações Percecionadas | Organização do espaço/ tempo | “(…) ao participarem sentem-se mais seguras, responsáveis e autónomas.” “Sempre que posso, convido o grupo a opinar sobre onde e como dispor determinados materiais ou áreas da sala” “Escolhem muitas vezes a ordem das atividades, promovendo a autorregulação, gerindo o tempo para o que vão fazer a seguir” | 3 | 1 |
| Perceção do/a educador/a em relação à organização do ambiente | Situações percecionadas | Ambiente como facilitador da aprendizagem | “ O ambiente educativo é um elemento central na aprendizagem, não um vendo apenas como um espaço físico, mas sim como algo que comunica, acolhe e desafia” | 3 | 1 |

| | | | | | |
|---------------------------------------|--|--|--|--|--|
| <p>educativo e a aprendizagem</p> | | | <p>“ A maneira como organizamos a sala, os materiais que disponibilizamos e a maneira como nos relacionamos com as crianças influencia diretamente como é que elas podem aprender”</p> <p>“ Acredito que a aprendizagem ocorre de melhor maneira quando o ambiente é seguro, estimulante e construído em conjunto”</p> <p>“ (...) onde as crianças são ouvidas e respeitadas”</p> <p>“ Vejo o ambiente como terceiro educador, ao lado do adulto e da própria criança”</p> | | |
|---------------------------------------|--|--|--|--|--|

ANEXO 3 – Entrevista 2, Análise de conteúdo da entrevista às Professoras de 1.º Ciclo:
i. Professora 1 de 2.º ano

| Blocos Temáticos | Categoria | Subcategorias | Exemplos de Unidades de Registo (UR) | Número de UR | Número de Sujeitos |
|---------------------------------------|---|---|---|---------------------|---------------------------|
| Caracterização do/a entrevistado/a | Percurso profissional | Motivo de escolha | <p>“Nunca ponderei outra opção senão ensino, no entanto estava mais virada para EVT”</p> <p>“Acredito que a educação é uma ferramenta poderosa para alterar realidades”</p> <p>“Sinto-me realizada em acompanhar o processo de crescimento do ser humano”</p> | 3 | 2 |
| Perceção da Educadora relativamente à | Conceito de organização do ambiente educativo | Ambiente Educativo | “(…) é tudo o que envolve a comunidade escolar (as pessoas, as rotinas, os recursos, os espaços)” | 1 | 1 |
| | | Elementos constituintes do ambiente educativo | “(…) Recursos materiais e humanos, espaço, interações e rotinas” | 1 | 1 |

| | | | | | |
|---|-------------------------|--|--|----------|----------|
| Organização do Ambiente Educativo | | Integração do ambiente educativo no planeamento pedagógico | “(…) Integro claro, as planificações são guias flexíveis adaptados aos ambientes educativos em que os alunos se inserem” | 1 | 2 |
| Perceção do/a professor/a em relação à participação do aluno na organização do ambiente educativo | Situações Percecionadas | Organização do espaço/ tempo | “(…) Sim, incluo sempre, na medida em que são eles os responsáveis pela ocorrência de mudanças, realizando sempre alterações na disposição da sala”. “(…) a participação das crianças é crucial para o desenvolvimento, sempre que possível envolvo-os na arrumação e escolha de materiais, na disposição de trabalhos feitos e até na definição das regras de funcionamento”. “Tento dar-lhes sempre voz, para que se sintam mais seguros e confortáveis no ambiente que estão inseridos” | 3 | 2 |
| Perceção do/a professor/a em | | Ambiente como facilitador da aprendizagem | “Para que o ambiente seja facilitador de aprendizagem é crucial alterar a disposição dos lugares dos alunos, sempre que o comportamento não seja o ideal” “ Um bom ambiente educativo desenvolve a aprendizagem quer a nível social, afetivo e cognitivo” | 2 | 1 |

| | | | | | |
|---|-----------------------------|--|--|--|--|
| <p>relação à organização do ambiente educativo e a aprendizagem</p> | <p>Situações percebidas</p> | | <p>“ (...) a nossa sala de aula é muito pouco espaçosa o que dificulta certas dinâmicas, a não existência de cantinhos, a falta de trabalhos em grupo, o ruído é muito visto que os alunos estão mais próximos uns dos outros”</p> <p>“ (.) Gosto de fazer atividades em espaço diferentes, já que a sala de aula não permite grandes dinâmicas, dificultando a aprendizagem”.</p> | | |
|---|-----------------------------|--|--|--|--|

ii. Professora 2 de 4.º ano

| Blocos Temáticos | Categoria | Subcategorias | Exemplos de Unidades de Registo (UR) | Número de UR | Número de Sujeitos |
|--|---|---|--|---------------------|---------------------------|
| Caracterização do/a entrevistado/a | Percurso profissional | Motivo de escolha | <p>“Sempre valorizei o ensino e o amor por ensinar”</p> <p>“ (...) desejo de contribuir para a formação das crianças, ajudando-as não apenas a adquirir conhecimentos, como também a desenvolver valores, autonomia e espírito crítico”.</p> | 2 | 2 |
| Perceção da Educadora relativamente à Organização do | Conceito de organização do ambiente educativo | Ambiente Educativo | “(…) é todo e qualquer espaço que seja promotor de uma verdadeira e significativa aprendizagem” | 1 | 1 |
| | | Elementos constituintes do ambiente educativo | “(…) recursos materiais e humanos, estratégias e metodologias de todo o tipo que possam fomentar a aprendizagem” | 1 | 1 |
| | | | | | |

| | | | | | |
|--|--------------------------------|---|---|-----------------|-----------------|
| <p>Ambiente Educativo</p> <p>Perceção do/a professor/a em relação à participação do aluno na organização do ambiente educativo</p> | | <p>Integração do ambiente educativo no planeamento pedagógico</p> | <p>“Ao planificar as aulas fomento o Plano Individual de Trabalho que faculta ao aluno a possibilidade de escolher o que pretende aprender e quando (ao longo da semana), recorrendo a espaços diversificados, a metodologias e estratégias diferenciadas. Por exemplo usamos a biblioteca para as Tertúlias Dialógicas Literárias, o recreio para introduzir na aula de educação física alguns conteúdos de matemática bem como a cozinha com o mesmo intuito, o ActiveLab para o Ensino Experimental das Ciências, entre outros.”</p> | <p>1</p> | <p>2</p> |
| | <p>Situações Percecionadas</p> | <p>Organização do espaço/ tempo</p> | <p>“Sim, a criança deve assumir um papel crescente e ativo em tudo o que envolve a sua aprendizagem e o seu processo escolar pois assim também maior é o seu compromisso com o(s) mesmo(s).”</p> | <p>1</p> | <p>2</p> |
| <p>Perceção do/a professor/a em relação à</p> | <p>Situações percecionadas</p> | <p>Ambiente como facilitador da aprendizagem</p> | <p>“ A escola procura sempre dar voz ao aluno, diversificando as suas atividades estratégias e metodologias para que este seja um ser ativo e construtor da sua própria aprendizagem.”</p> <p>“Para além da empatia que assume o papel principal na verdadeira aprendizagem por parte do aluno e fomenta a</p> | <p>4</p> | <p>1</p> |

| | | | | | |
|---|--|--|--|--|--|
| <p>organização do ambiente educativo e a aprendizagem</p> | | | <p>sua pré disposição para a mesma, o seu coadjuvante é , sem dúvida, o ambiente educativo.”</p> <p>“Procuro sempre organizar o ambiente educativo de modo a que se verifique aprendizagem, vou alterando a disposição da sala, descartando a ideia de sala com disposição de autocarro e primário, ao longo do ano escolar, gosto de os colocar em grupos de trabalho, para que os alunos possam crescer em cooperação e partilha.”</p> <p>“ A sala onde leciono atualmente dispõe de uma enorme arrumação e é bastante espaçosa, facilitando a dinâmica de grupo”.</p> | | |
|---|--|--|--|--|--|

ANEXO 4 , Entrevista 3, Análise de Conteúdo da entrevista aos alunos do 1.º ciclo
i. Alunos do 2.º ano

| Blocos Temáticos | Categoria | Subcategorias | Exemplos de Unidades de Registo (UR) | Número de UR | Número de Sujeitos |
|--|---------------------|--|--|---------------------|---------------------------|
| Caracterização dos entrevistados | Dados pessoais | Género e idade | A12- Género masculino, 7 anos A7- Género feminino, 8 anos A10- Género masculino, 8 anos A3- Género feminino, 8 anos | 4 | 5 |
| Perceção dos alunos em relação ao ambiente educativo | Experiência escolar | Preferências e aspetos negativos no ambiente educativo | A12- “Gosto muito da biblioteca porque é maior que a minha sala. Não gosto muito da sala de aula porque não fazemos muitos exercícios de grupo”. A7” Gosto do refeitório a carne é boa. O que menos gosto é a sala deste ano, é pequena para nos mexermos” A10” Gosto da minha professora, ela ajuda. Não gosto de entrar cedo para a escola” A3” Gosto da biblioteca porque adoro ler. Não gosto das aulas de ginástica porque não temos pavilhão” | 8 | 5 |
| Perceção dos alunos em relação | Experiência Escolar | Mudanças | A12” Devíamos mudar de sala ou ter sempre aulas na biblioteca” A7 “ Gostava de ter uma sala de computadores”. | 4 | 5 |

| | | | | | |
|--------------------------|--|--|---|--|--|
| ao ambiente educativo | | | A10 “ Adorava entrar mais tarde e ter aulas no recreio”. A3” Queria mudar de lugar e de sala”. | | |
|--------------------------|--|--|---|--|--|

ii. Alunos do 4.º ano

| Blocos Temáticos | Categoria | Subcategorias | Exemplos de Unidades de Registo (UR) | Número de UR | Número de Sujeitos |
|--|---------------------|--|---|---------------------|---------------------------|
| Caracterização dos entrevistados | Dados pessoais | Género e idade | B2- Género masculino, 9 anos B23- Género feminino, 10 anos B15- Género masculino, 10 anos B4- Género feminino, 10anos | 4 | 5 |
| Perceção dos alunos em relação ao ambiente educativo | Experiência escolar | Preferências e aspetos negativos no ambiente educativo | B2- “Gosto muita da minha professora, ela faz atividades lindas, mas não gosto muito quando fazemos trabalhos de grupo há sempre confusão” B23” Gosto de ajudar a professora a preparar o Activ Lab para atividades laboratoriais, é o meu espaço favorito, Não gosto muito do recreio no inverno” B15” Gosto dos meus amigos e da minha sala. Não gosto do refeitório, a comida é salgada” B4”Adoro a minha sala tem muito espaço e muitos materiais. Não gosto de estar sempre a mudar de lugar” | 8 | 5 |
| Perceção dos alunos em relação | Experiência Escolar | Mudanças | B2” Gostava de ter muitas aulas na rua”. B23 “ Gostava de ter uma sala de computadores, para fazermos outras atividades”. | 4 | 5 |

| | | | | | |
|--------------------------|--|--|---|--|--|
| ao ambiente educativo | | | A10 "Fazer mais atividades de grupo". A3" Gostava de ter animais para cuidar". | | |
|--------------------------|--|--|---|--|--|

Anexo 5- Planificações das atividades desenvolvidas

i. *Elaboração dos cartazes- 2.º ano:*

| Área Curricular | Domínio | Aprendizagens Essenciais | Recursos | Avaliação |
|-----------------|-----------------------|--|---|--|
| Estudo do Meio | Sociedade | Reconhecer a importância do diálogo, da negociação e do compromisso na resolução pacífica de situações de conflito. | | A avaliação terá como base a observação direta dos alunos no que respeita à sua participação e empenho na realização das atividades propostas. Registos fotográficos e recursos elaborados pelos mesmos. |
| | | Saber colocar questões, levantar hipóteses, fazer inferências, comprovar resultados e saber comunicar, reconhecendo como se constrói o conhecimento. | Manual de Estudo do Meio | |
| Português | Oralidade - Expressão | Usar a palavra na sua vez e empregar formas de tratamento adequadas na interação oral, com respeito pelos princípios de cooperação e cortesia. | Quadro; Quadro | Cidadania e Desenvolvimento |
| | | Transformar a informação em conhecimento; Tomar decisões para resolver problemas; | Lápis ; Borracha; Lápis de cor; | |
| | | Desenvolver novas ideias e soluções, de forma imaginativa e inovadora, como resultado da interação com outros ou da reflexão pessoal, aplicando-as a diferentes contextos e áreas de aprendizagem. | Cartolinas | Informação e comunicação Raciocínio e resolução de problemas Pensamento crítico e pensamento inovador Relacionamento |
| | | Adequar comportamentos em contextos de cooperação, partilha, colaboração e competição. | | Interagir com tolerância, empatia e responsabilidade e argumentar, negociar e aceitar diferentes pontos de vista, desenvolvendo novas formas de estar, olhar e participar na sociedade. |

Atividade e estratégias:

Relembrar as crianças daquilo que foi abordado anteriormente, muitos dirão que se falou dos direitos e se fez um gráfico dos valores. Neste sentido é essencial que se faça uma ponte entre isto e o que se irá abordar de seguida, ou seja, explicar-lhes que para que todos sejamos felizes e que tenhamos uma vida saudável temos de ter em atenção os valores e neste caso sobretudo os da escola, para que isso aconteça não podemos deixar que nos magoem ou desrespeitem, sendo, assim, importante respeitar sempre o próximo e evitar que existam conflitos. Quando se falar em conflito perguntar-lhes o que fazem quando agem mal com alguém (maior parte dirá pedir desculpa) e quando agem mal com vocês? (esta situação torna-se importante uma vez que é um momento de reflexão), depois segue-se alguma discussão e partilhas de opinião.

Posteriormente, pedimos que abram o manual de estudo do meio na página 23 (anexo 10) e que observem com atenção o exercício 2. Em conformidade com a análise feita ao mesmo, solicita-se que individualmente o resolvam e de seguida resolvam o 2.1 sem qualquer tipo de comentário ou conversa. Após a sua concretização gera-se uma conversa em grupo acerca dos mesmos e tentando sempre que eles deem exemplos de situações pelas quais já passaram e como se sentiram.

Seguidamente, conclui-se com a turma de que devemos sempre tentar ser tolerantes, honestos (quando nos questionam se fomos mesmo nós a cometer o erro), a valorizar muito os nossos amigos e acima de tudo a respeitar para que também sejamos respeitados.

Após esta tarefa, questiona-se “Sabendo que não estão sozinhos no mundo, o que podem fazer para o melhorar?” tanto na escola como sem ser na mesma, aqui pretende-se que os mesmos reflitam sobre aquilo que foi abordado e que digam várias situações que podem fazer para que haja felicidade, harmonia e paz.

A partir de uma cartolina por par (visto que ainda na aula passada sugeriu-se um trabalho a pares e estes recusaram), escrever algumas frases ou palavras que respondam à pergunta, poderão também fazer ilustrações.

ii. História na biblioteca e atividade dos pares – 2.º ano:

| | | | | | | | |
|--|--|---|---|--|--------------------|---|---|
| <p>Português/ Cidadania e Desenvolvimento</p> <p>Projeto "Abraçar o Mundo"</p> | <p>Oralidade- (Compreensão) e (Expressão)</p> | <p>→ Identificar intenções comunicativas de textos orais, designadamente perguntas, afirmações, exclamações, ordens, pedidos;</p> <p>→ Usar a palavra na sua vez e empregar formas de tratamento adequadas na interação oral, com respeito pelos princípios de cooperação e cortesia;</p> <p>→ Formular perguntas, pedidos e respostas a questões considerando a situação e o interlocutor;</p> <p>→ Identificar informação explícita;</p> <p>→ Ouvir ler obras literárias;</p> | <p>A estagiária irá ler e explorar com os alunos o livro "O dia em que os lápis desistiram" na Biblioteca. De seguida, as crianças retomam à sala e em pares terão de colocar numa folha aquilo que acharam mais importante acerca do mesmo. Posteriormente será elaborada uma partilha das ideias de forma coletiva e a estagiária deverá colocar, com a aceitação da turma, as ideias que são consideradas mais relevantes.</p> | <p>A Biblioteca foi a escolha para a leitura e exploração do livro uma vez que se trata de um lugar calmo e porque se trata de um espaço que transmite muito a importância do gosto pela leitura e por obras literárias;</p> <p>Trabalho a pares para que seja um grupo mais pequeno, algo que a turma não está habituada a realizar e com a finalidade de existirem trocas de ideias;</p> <p>Partilha das ideias em grande grupo para que todos possam ouvir e respeitar as opiniões.</p> | <p>13h30-15h30</p> | <p>Lápis de cor; Lápis de carvão; Borracha; Quadro.</p> | <p>Livro: O Dia em que os lápis desistiram de Drew Daywalt</p> <p>Folhas brancas;</p> <p>Avaliação formativa: A avaliação será feita através da observação direta dos alunos no que respeita à sua participação e empenho na realização das atividades propostas.</p> |
|--|--|---|---|--|--------------------|---|---|

| | | | | | |
|--|--|--|--|--|--|
| <p>Leitura-Escrita</p> <p>Educação Literária</p> <p>Cidadania</p> | <p>→ Manifestar preferências, de entre textos lidos, e explicar as reações derivadas da leitura;</p> <p>→ Perceber a importância de ouvir o próximo;</p> <p>→ Cooperar;</p> <p>→ Desenvolver o espírito crítico;</p> <p>→ Respeitar o próximo entendendo as suas diferenças.</p> | | | | |
|--|--|--|--|--|--|

iii. Atividade gráficos de barras- 2.º ano:
Quinta-feira 7/12/2023

| Área Curricular | Domínio | Aprendizagens Essenciais | Atividade | Estratégias | Tempo | Recursos | Avaliação |
|--|-----------|---|---|--|----------------------------------|---|---|
| Matemática Cidadania e Desenvolvimento | Cidadania | Cooperação; Desenvolver o espírito crítico; Promover a solidariedade e o respeito pela diversidade; Valores Humanos; | Em primeiro lugar, a estagiária responsável irá apresentar aos alunos o Padlet construído por eles acerca da atividade da semana anterior e dialogar sobre os temas abordados na mesma. De seguida será realizada a “ponte” para a importância dos valores para a uma boa convivência. Será feito | Diálogo em grande grupo para que todos possam escutar as ideias uns dos outros; Relembrar a aula anterior como forma de síntese e para que todos entendam a importância desta temática; | 9h-10h30 11h00 - 12h00 | Quadro interativo; Cartolina; Papel branco; Canetas; | Avaliação formativa: A avaliação será feita através da observação direta dos alunos no que respeita à sua participação |

| | | | | | | |
|---|------------------------------|--|---------------------------------------|--|--|---|
| Dados Questões estatísticas, recolha e organização de dados. | Recolher dados através de um | um levantamento com toda a turma sobre aqueles que consideram ser os principais valores para construírem um bom ambiente em comunidade (escola, casa...). Será explicado que os valores devem existir e estar presentes no nosso dia a dia para que todos sejamos felizes e consigamos viver em conjunto sem conflitos. De seguida, colocar-se-á aos alunos a pergunta de que se tivessem de escolher um valor qual escolheriam e depois irá se colocar uma breve votação respetiva. Posteriormente, será distribuída uma cartolina a cada aluno que irá servir para construírem um gráfico de barras relativamente às | Cada criança só pode votar num valor; | | | empenho na realização das atividades propostas. |
|---|------------------------------|--|---------------------------------------|--|--|---|

| | | | | | | |
|--|------------------------|---|---|--|--|--|
| | dado método de recolha | votações que foram elaboradas no quadro. Evidencia-se que no eixo horizontal irão estar os valores e no eixo vertical o número de alunos. Para finalizar, far-se-á uma análise e exploração do gráfico, por exemplo questionar oralmente qual o valor considerado mais importante para parte da turma, qual o menos | A construção do gráfico será feita em grande grupo e posteriormente as crianças poderão também construir com base no que for feito no quadro. | | | |
|--|------------------------|---|---|--|--|--|

iv. Atividade da banda desenhada- 4.º ano:

Área Curricular

- o Português
- o Estudo do Meio

Domínios e Aprendizagens Essenciais

Português:

- o Oralidade
 - Pedir e tomar a palavra e respeitar o tempo de palavra dos outros;
 - Usar a palavra para exprimir opiniões e partilhar ideias de forma audível, com boa articulação, entoação e ritmo adequado.
- o Escrita
 - Redigir um texto com utilização correta das formas de apresentação escrita.

Estudo do Meio:

- o Natureza
 - Reconhecer alguns fenómenos naturais (Luz Solar...).

Atividade e Estratégias

Oficina de Criação - Banda Desenhada

Discussão em grande grupo, sobre a importância do sol para a vida na Terra e como é que a luz solar é produzida. Inicialmente, a docente estagiária, irá fechar e abrir as cortinas “black out” da sala de aula para introduzir o tema, realizando questões como:

- Quando abrimos as cortinas existe algo que nos ilumina, qual é o nome dado a essa “luz”? Luz solar

- Então e porque é que o Sol tem a capacidade de produzir Luz para a terra? Porque é uma estrela cintilante

- Mas estão se eu fechar as cortinas black out, impedir que a luz solar chegue ao interior da nossa sala e ainda apagar todas as luzes, o que é que isso vos faz lembrar? A noite

- O que é que conseguimos ver à noite se olharmos para o céu? A lua

- E o que é a lua? Um satélite da Terra

- Será que podemos viajar até ao Sol ou até à Lua?

O diálogo irá decorrer com a turma e será posteriormente realizada uma Banda Desenhada sobre o tema introduzido. Em grande grupo, iremos rever os elementos básicos da BD (balão de fala, prancha, tira, vinheta) e discutir os conceitos que podem incorporar na sua história. Os alunos irão realizar a atividade de forma individual, numa folha A4 e posteriormente será apresentada à turma. Neste sentido, pretendemos promover a discussão do grupo sobre as diferentes abordagens e interpretações dos temas, incentivando a troca de ideias e perspetivas entre os alunos

Recursos

- o Cortinas black out
- o Folha branca A4
- o Lápis e Borracha
- o Lápis de cor

Avaliação

Avaliação Formativa

A docente estagiária deverá proporcionar um feedback contínuo durante todo o processo de criação das bandas desenhadas, auxiliando os alunos a refletir sobre o seu trabalho e a fazer possíveis melhorias. Neste sentido, a avaliação terá como base a observação direta dos alunos, no que respeita à sua participação e empenho na realização das atividades propostas.

v. *Maquete do Sistema Solar- 4.º ano:*

Horário: 14h às 16h

Áreas Curriculares:

- o Português
- o Estudo do Meio
- o Cidadania e Desenvolvimento
- o Artes Visuais

Português:

- o **Oralidade:**
 - Pedir e tomar a palavra e respeitar o tempo de palavra dos outros.
- o **Escrita:**
 - Utilizar processos de planificação, textualização e revisão, realizados de modo individual e/ou em grupo.
 - Selecionar a informação pretendida;

Estudo do meio:

- o Natureza:
 - Localizar o planeta Terra no Sistema Solar, representando-o de diversas formas.

Cidadania e Desenvolvimento

- o **Informação e comunicação:**
 - Transformar a informação em conhecimento;
- o **Raciocínio e resolução de problemas**
 - Interpretar informação.
- o **Pensamento Crítico e Pensamento Criativo**
 - Pensar de modo abrangente, analisando a informação.

Artes Visuais:

- o **Apropriação e Reflexão:**
 - Mobilizar a linguagem elementar das artes visuais (cor, forma, linha, textura, espaço e volume);
- o **Experimentação e criação:**
 - Integrar a linguagem das artes visuais, assim como várias técnicas de expressão

- Escolher técnicas e materiais de acordo com a intenção expressiva das suas produções plásticas;
- Manifestar capacidades expressivas e criativas nas suas produções plásticas, evidenciando os conhecimentos adquiridos.
- Apreciar os seus trabalhos e os dos seus colegas, mobilizando diferentes critérios de argumentação.

Atividades e Estratégias

Maquete Sistema Solar- 3D

Cartaz -A descoberta do Universo- Uma viagem pelos astros

Como primeiro aspeto deste conjunto de atividades, é que cada 2 grupos vai estar responsável por cada uma, rodando depois. Por exemplo estão 2 grupos numa atividade 1 hora e outros 2 noutra 1 hora e depois trocam.

Maquete Sistema Solar em 3D

Numa delas, a Maquete do Sistema Solar em 3D, pretende-se que pintem 8 bolas de esferovite consoante as características dos planetas, que recortem estrelas (brancas, amarelas, azuis, vermelhas), que no planeta Saturno, encontrem materiais para fazerem os anéis e o Sol deve ser a estrela maior. Os planetas serão distribuídos 4 por cada grupo que esteja nesta atividade.

Esta maquete será exposta do lado de fora da sala para que a restante comunidade possa ver e a sua disposição será na diagonal, sendo que os planetas terão presos com fios de coco para que de a sensação que estão no "espaço".

Recursos para esta atividade:

- o 9 bolas de esferovite de tamanhos diferentes (porque temos planetas e uma estrela com tamanhos diferentes).
- o Fio de coco;
- o Tintas;
- o Lápis;
- o Borracha;
- o Cartolinas.
- o Tesoura.



vi. Atividade experimental- 4.º ano:

Horário: 11h30 às 12h30

Projeto Saber Crescer (Emociona-te) - dinamizado pela Câmara Municipal de Rio
Maior

Horário: 14h00 às 15h00

Área Curricular:

- Cidadania e Desenvolvimento
- Estudo do meio

Domínios e aprendizagens essenciais:

Estudo do meio

- Natureza
 - Recolher amostras de rochas e de solos agrupando-as de acordo com as suas propriedades (cor, textura, dureza, cheiro, permeabilidade) e exemplificar a sua aplicabilidade.
- Sociedade/Natureza/Tecnologia
 - Saber colocar questões, levantar hipóteses, fazer inferências, comprovar resultados e saber comunicá-los, reconhecendo como se constrói o conhecimento.

Cidadania e Desenvolvimento

- Informação e comunicação
 - Transformar a informação em conhecimento;
- Raciocínio e resolução de problema
 - Interpretar informação, planear e conduzir pesquisas;
 - Desenvolver processos conducentes à construção de produtos e de conhecimento, usando recursos diversificados.
 - Pensamento crítico e pensamento criativo

- Pensar de modo abrangente e em profundidade, de forma lógica, observando analisando informação, experiências ou ideias, argumentando com recrus critérios implícitos ou explícitos, com vista à tomada de posi fundamentada;
 - Prever e avaliar o impacto das suas decisões;
 - Desenvolver novas ideias e soluções, de forma imaginativa e inovadora, como resultado da interação com outros ou da reflexão pessoal, aplicand as a diferentes contextos e áreas de aprendizagem.
- Relacionamento Interpessoal
 - Adequar comportamentos em contextos de cooperação, partilha, colaboração competição;
 - Trabalhar em equipa e usar diferentes meios para comunicar presencialment em rede;
 - Interagir com tolerância, empatia e responsabilidade e argumentar, negociar aceitar diferentes pontos de vista, desenvolvendo novas formas de estar, olh participar na sociedade.
 - Desenvolvimento pessoal e autonomia
 - Estabelecer relações entre conhecimentos, emoções e comportamentos;
 - Consolidar e aprofundar as competências que já possuem, numa perspetiva e aprendizagem ao longo da vida;
 - Desenvolvimento pessoal e autonomia
 - Compreender os equilíbrios e as fragilidades do mundo natural na adoçã de comportamentos que respondam aos grandes desafios globais do ambiente;
 - Manifestar consciência e responsabilidade ambiental e social, trabalhans colaborativamente para o bem comum, com vista à construção de um fu sustentável.

Atividade e Estratégias

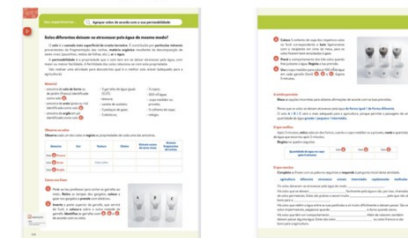
Esta atividade relacionada com as ciências experimentais, tem como contextualização, a ida de 8 elementos (2 a cada turma) questionar se querem participar no projeto de turma que visa a criação de uma horta.

Após o feedback fornecido, segue-se à atividade experimental relacionada com a permeabilização dos solos. Neste sentido, esta será realizada através do manual de Estudo do Meio. Inicialmente faz-se uma previsão de ideias, questionando qual destes tipos será mais adequado para o cultivo e pedir que justifiquem. Não obstante a estagiária também irá fazer uma ligação com o infográfico analisado durante o período da manhã, afirmando que o solo é uma camada fina da zona superficial da zona terrestre, sendo constituído por matéria orgânica, partículas minerais, ar e água.

Assim esta experiência será elaborada em grupos, consoante os lugares dispostos.

A estagiária terá o papel de mediadora, dando sempre feedback consoante a execução da tarefa.

Figura 2 Página 130 e 131 Manual de Estudo do Meio -PLM



Recursos:

- Manual de Estudo do Meio;
- Materiais da atividade (presentes no manual)
- Quadro
- Lápis e borracha

vii. Relógio de Sol- 4.º ano

Área Curricular

OC Cidadania / Artes Visuais / Estudo do Meio / Matemática

Atividades e Estratégias:

Os alunos irão realizar em grande grupo um email para a farmácia da localidade a solicitar a realização de uma sessão sobre primeiros socorros, obesidade infantil e diabetes, dinamizada na escola. Posteriormente, a turma irá elaborar emails a agradecer às juntas de freguesia pelo auxílio prestado em atividades realizadas na semana anterior.

De seguida, em grupos, os alunos irão proceder à elaboração do relógio de sol no recreio da escola enquanto outros grupos irão observar sombras de animais com recurso a uma folha e ao sol, por fim, terão de realizar o contorno da figura que conseguem observar.

viii. Medições com áreas e perímetros- 4.º ano:

| HORARIO | | 9:30 às 11.00 | 11:30 às 12:30 | 14.00 às 15.00 | 15.00 às 16.00 |
|--|-----|--|---|--|---|
| segunda-feira_ 20 / 05 / 2024 | | | | | |
| Operacionalização/ procedimentos | 121 | PORTUGUÊS <input type="radio"/> | MATEMÁTICA <input type="radio"/> | PROJETO SABER CRESCER <input type="radio"/> | ESTUDO DO MEIO <input type="radio"/> |
| O QUE VAIS APRENDER | | «Começar a semana a ler» "Lenda dos 3 Rios" | Áreas e Perímetros | | Ensino Experimental das Ciências |
| O QUE DEVES FAZER PARA APRENDER | | Leitura do Livro_ 10m a ler. Visualização de um vídeo sobre a Lenda dos 3 Rios" e realização de uma ficha de interpretação. | Atividade no exterior em que devem medir as áreas e os perímetros fazendo as alterações | | Atividade: "Gasoso ou não gasoso?" Experiências: Planta; Tapar o nariz; Vela |
| F: | | | | | |